



Universidade do Minho
Instituto de Educação

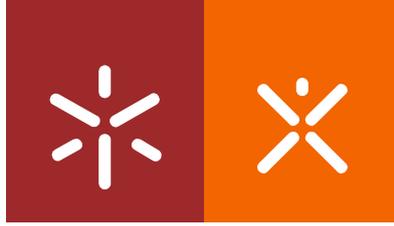
Ana Rita da Silva Oliveira

As visitas de estudo virtuais em "Estudo do Meio" e "História e Geografia de Portugal"

Ana Rita da Silva Oliveira As visitas de estudo virtuais em "Estudo do Meio" e "História e Geografia de Portugal"

Uminho | 2022

outubro de 2022



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Rita da Silva Oliveira

As visitas de estudo virtuais em "Estudo do Meio" e "História e Geografia de Portugal"

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino no 1º ciclo do Ensino Básico e de Português
e História e Geografia de Portugal no 2º ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Doutora Cristiana Martinha Maia Oliveira da Fonseca
Costa Abay**

outubro de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Este relatório reflete o fim de uma jornada longa, que se revelou trabalhosa, ambígua, mas muito gratificante. Durante o percurso percorrido contei com o apoio de um conjunto de pessoas, às quais quero expressar os meus sinceros agradecimentos.

Gostaria de começar por agradecer à minha supervisora, a Doutora Cristiana Abay, pela sua disponibilidade, pelo incentivo e pelo auxílio prestado, tanto na elaboração deste relatório bem como, durante a realização do estágio. As opiniões e sugestões dadas pela professora foram uma ajuda preciosa durante este processo.

Agradeço, também, às professoras orientadoras cooperantes do 1º ciclo do Ensino Básico e do 2º ciclo do Ensino Básico, a professora Cláudia Costa e a professora Ana Benilde, respetivamente. Obrigada pela disponibilidade em me receberem e por todos os conhecimentos que partilharam comigo e que, sem dúvida, foram uma mais-valia para a minha formação.

Queria aproveitar este momento para agradecer aos meus pais, Miguel e Liliana, pela sua dedicação e apoio, por acreditarem em mim e permitirem que eu siga os meus sonhos.

Deixo ainda um agradecimento a toda a minha família, em especial aos meus irmãos, Luís e Carolina e aos meus avós Conceição e José Mário, por todo o carinho. Quero agradecer também aos meus anjos da guarda, tia Inha, avó Armindo e bisavô Firmino.

Um agradecimento especial às minhas amigas Sofia, Rita, Maria e Filipa, e ao meu namorado Diogo pela paciência nos momentos mais difíceis e de indecisão. Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha colega de estágio e amiga Margarida, pelo apoio mútuo em todos os momentos deste processo.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

As visitas de estudo virtuais em “Estudo do Meio” e “História e Geografia de Portugal”

Resumo

O presente relatório resulta da realização da Prática de Ensino Supervisionada no 1º ciclo e no 2º ciclo do Ensino Básico. O tema escolhido foi “As visitas de estudo virtuais em “Estudo do Meio” e “História e Geografia de Portugal” e com este estudo pretendeu-se compreender de que forma as visitas de estudo virtuais podem contribuir para a motivação dos alunos na aprendizagem destas duas disciplinas.

As visitas de estudo virtuais são importantes no campo da educação, pois para além de servirem de complemento às visitas de estudo tradicionais, aquando da não possibilidade de realização das visitas de estudo tradicionais, servem como estratégia alternativa e bastante enriquecedora. É uma estratégia que cativa o interesse e motiva os alunos no processo de aquisição e consolidação de conhecimentos.

As atividades planificadas no 1º ciclo do Ensino Básico foram implementadas numa escola da Trofa, que se trata de um estabelecimento de ensino público. Neste, esteve-se em contacto com uma turma de 3º ano, composta por vinte e dois alunos. Já no 2º ciclo do Ensino Básico, o estágio ocorreu, também, numa escola da Trofa e o projeto foi desenvolvido numa turma do 5º ano, constituída por vinte e sete alunos e numa turma do 6º ano, constituída por vinte alunos.

Analisando os dados recolhidos através dos inquéritos aplicados e das tabelas de observação direta, conclui-se que os alunos do 1º ciclo do Ensino Básico e do 2º ciclo do Ensino Básico gostaram das visitas de estudos virtuais realizadas. Além disso, estas demonstraram ser um recurso que suscita o interesse e a motivação dos estudantes.

Palavras-chave: Estudo do Meio; História e Geografia de Portugal; Visitas de Estudo Virtuais

Virtual Field Trip in “Environment Study” and “History and Geography of Portugal”

Abstract

The following report results from the realization of the Supervised Teaching Practice in the 1st cycle and 2nd cycle of Basic Education. The theme chosen was “Virtual Field Trip in “Environment Study” and “History and Geography of Portugal” and with this study it was intended to understand how virtual field trips can contribute to motivation of students in learning these two subjects.

Virtual field trips are important in the education field because it serves as a complement to traditional study visits, when traditional study visits are not possible, they serve as an alternative and quite enriching strategy. It is a strategy that captivates the interest and motivates students in the process of acquiring and consolidating knowledge.

The activities planned in the 1st cycle of Basic Education were implemented in a school in Trofa, which is a public educational establishment. Here, I was in contact with a class of 3rd year, composed by twenty-two students. Regarding the 2nd cycle of Basic Education, the internship took place, also, in a public school located in Trofa and the project was developed in a class of 5th year, consisting of twentyseven students and one class of 6th year, consisting of twenty students.

Analyzing the data collected through the applied surveys and the direct observation tables, it is concluded that the students of the 1st cycle and the 2nd cycle of Basic Education like the virtual field trips realized. In addition, virtual field trips have proved to be a resource that arouses the interest and motivation of students.

Key words: Environment Study, History and Geography of Portugal, Virtual Filed Trips

Índice

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
Agradecimentos	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Índice	viii
Índice de Figuras	ix
Índice de Gráficos	ix
Índice de Tabelas	xi
Introdução	1
Capítulo I – Contexto de Intervenção e de Investigação	4
1.1. Caracterização do Contexto Educativo – 1º ciclo do Ensino Básico	4
1.2. Caracterização do Contexto Educativo – 2º ciclo do Ensino Básico	7
Capítulo II – Enquadramento Teórico	12
2.1. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino	12
2.2. As visitas de estudo como atividades práticas de apoio ao ensino	14
2.2.1 Potencialidades da realização das visitas de estudo	15
2.2.2 Constrangimentos da realização das visitas de estudo	17
2.3. As visitas de estudo virtuais (VEV)	19
2.3.1 Potencialidades das visitas de estudo virtuais	23
2.3.2 Constrangimentos das visitas de estudo virtuais	24
Capítulo III – Metodologia de Investigação e Intervenção	26
3.1. Métodos e instrumentos de recolha de dados	27
Capítulo IV – Implementação de atividades fora do contexto do Projeto de Intervenção Pedagógica ...	28
4.1. Descrição das atividades implementadas no 1º ciclo do Ensino Básico	28
4.2. Descrição das atividades implementadas no 2º ciclo do Ensino Básico	30
Capítulo V – Implementação das atividades relativas ao Projeto de Intervenção Pedagógica	32
5.1. Descrição das atividades implementadas no 1º ciclo do Ensino Básico	32

5.2. Descrição das atividades implementadas no 2º ciclo do Ensino Básico.....	37
5.2.1 Descrição das atividades implementadas no 5º ano de escolaridade.....	37
5.2.2 Descrição das atividades implementadas no 6º ano de escolaridade.....	44
Capítulo VI– Análise dos dados recolhidos.....	51
6.1. Análise dos dados do 1º ciclo do Ensino Básico.....	51
6.2. Análise dos dados do 2º ciclo do Ensino Básico.....	53
Capítulo VII – Conclusões finais, limitações e recomendações	62
Referências Bibliográficas	65
Anexos	67

Índice de Figuras

Figura 1 - Localização da escola Básica descrita. Fonte: Google Maps.	5
Figura 2 - Esboço da planta da sala da turma de 3º ano. Elaboração própria	7
Figura 3 - Localização da escola descrita. Fonte: Google Maps.....	8
Figura 4 - Esboço da planta da sala da turma de 5º ano. Elaboração própria	10
Figura 5 - Esboço da planta da sala da turma de 6º ano. Elaboração própria	11
Figura 6 - As principais componentes do Espaço Novidades (Orion, 1989, p.13).....	18
Figura 7 - Exemplo da ficha de trabalho realizada por uma aluna.....	33
Figura 8 - Fotografia de uma aula lecionada	34
Figura 9 - Slide inicial do PowerPoint "Um passeio virtual pelo comércio da Trofa".....	36
Figura 10 - Ilustração do vídeo explicativo sobre o dinheiro disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xetcY1YAauA	37
Figura 11 - Planta do Castelo de Guimarães usada na visita	38
Figura 12 - Exemplo de questionário de avaliação de conhecimentos feito por um aluno.	39
Figura 13 - Exemplo de questionário de avaliação da visita feito por um aluno.	40
Figura 14 - Esquema realizado por aluno no caderno da disciplina	42
Figura 15 - Bilhete de entrada para o Museu do Aljube acedido através de código QR.	47
Figura 16 - Exemplo de questionário de avaliação de conhecimentos feito por um aluno.	48
Figura 17 - Exemplo de questionário de avaliação da visita feito por um aluno.	49
Figura 18 - Socrative utilizado numa aula de consolidação de conhecimentos.	50

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Respostas à questão "Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães?"	55
Gráfico 2 - Respostas à questão "A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?	55
Gráfico 3 - Resultados à questão "Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual"	57
Gráfico 4 - Resultados à questão "Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Museu do Aljube?"	59
Gráfico 5 - Respostas à questão "A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?"	60
Gráfico 6 - Respostas à questão "Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual"	61

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Relação entre os “objetivos específicos” do projeto de intervenção pedagógica e os instrumentos de recolha de informação utilizados.....	28
Tabela 2 - Tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 3º ano	51
Tabela 3 - Tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 5º ano	53
Tabela 4 - Tabela de observação direta da visita de estudo virtual realização na turma do 6º ano.....	58

Introdução

O presente relatório pretende apresentar as atividades da pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto de Intervenção Pedagógica, desenvolvidas durante o estágio efetuado no 1º ciclo e no 2º ciclo do Ensino Básico, no âmbito da Unidade Curricular de Prática do Ensino Supervisionada, inserida no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico, do ano letivo 2021/2022.

O tema escolhido para investigação foi “As visitas de estudo virtuais em “Estudo do Meio” e “História e Geografia de Portugal”. A seleção desta temática relaciona-se, intrinsecamente, com o mundo atual e com a necessidade de percebermos que o mundo está em constante mudança e, também a escola, deve aceitar e acompanhar essa mudança. Por isso, acredito que os professores devem apostar cada vez mais nas novas tecnologias, tornando as aulas inovadoras e o processo de ensino-aprendizagem mais apelativo, tendo em vista, o auxílio aos alunos na consolidação de conhecimentos. Neste sentido, as novas tecnologias e, nomeadamente, as Visitas de Estudo Virtuais, assumem um papel importante, na medida em que, permitem inovar as salas de aulas, tornando a aprendizagem mais leve e descontraída.

Relativamente à realização da Visita de Estudo Virtual (VEV) no 1º ciclo do Ensino Básico, o conteúdo temático a ser trabalhado em sala de aula proposto pela professora cooperante, teve um papel predominante na seleção do tópico, para além da ajuda da professora orientadora. Ainda no contexto do 1º ciclo, foi elaborada uma Visita de Estudo Virtual ao comércio local da Trofa, na sequência do conteúdo “O comércio local”, presente na Unidade “À descoberta das inter-relações entre espaços”, inserida na disciplina de Estudo do Meio.

No que se refere ao 2º ciclo do Ensino Básico, foram implementadas Visitas de Estudo Virtuais na disciplina de História e Geografia de Portugal. Estas tinham como objetivo trabalhar os temas “Portugal nos séculos XIII e XIV” no 5º ano de escolaridade, “O Estado Novo (1933-1974)” e “O 25 de Abril de 1974 e o Regime Democrático” no 6º ano de escolaridade. No 5º ano de escolaridade foi elaborada uma Visita de Estudo Virtual ao Castelo de Guimarães e no 6º ano de escolaridade uma Visita de Estudo Virtual ao Museu do Aljube. Considera-se que as visitas de estudo virtuais se enquadraram igualmente bem neste ciclo, visto que os alunos demonstraram interesse e vontade em participar nas atividades propostas, bem como se apresentaram mais motivados para as mesmas.

A implementação deste projeto de intervenção pressupôs o estabelecimento de objetivos gerais e específicos, que se pretendiam alcançar.

O objetivo geral deste projeto de intervenção pedagógica foi avaliar de que forma a realização de Visitas de Estudo Virtuais contribuem para a motivação dos alunos nas aulas das disciplinas de Estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal.

Por outro lado, como objetivos específicos procurou-se:

- avaliar como as novas tecnologias contribuíram para melhorar o processo de ensinoaprendizagem;

- analisar a pertinência da realização de Visitas de Estudo no âmbito do Estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal.

Assim sendo, considerando os objetivos listados, elaboraram-se as seguintes questões de pesquisa:

- De que modo a realização de Visitas de Estudo Virtuais contribui para a motivação dos alunos na aprendizagem de conteúdos relacionados com o Estudo do Meio e com a História e Geografia de Portugal?

- De que forma as TIC podem contribuir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem em Estudo do Meio e História e Geografia de Portugal?

As atividades planificadas para o 1º ciclo foram implementadas numa escola básica, que se caracteriza por ser um estabelecimento de ensino público que se situa Trofa. A intervenção pedagógica foi desenvolvida numa turma do 3º ano, composta por vinte e dois alunos, sendo catorze do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. O estágio neste ciclo iniciou-se em outubro de 2021 e terminou em meados de janeiro de 2022.

Relativamente ao estágio no 2º ciclo, este foi desenvolvido também numa escola situada na Trofa. A prática supervisionada ocorreu em 2 turmas, uma turma do 5º ano de escolaridade e outra de 6º ano de escolaridade. Tal justificou-se pelo facto de a professora cooperante achar pertinente a intervenção em diferentes turmas. Assim, no 5º ano, lecionou-se em uma turma que era composta por vinte e sete alunos sendo que doze eram do sexo masculino e quinze eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos. Já no 6º ano estagiou-se em uma turma com vinte alunos, verificando-se oito raparigas e doze rapazes. A faixa etária destes alunos variava entre os dez e os doze anos. O referido estágio começou em fevereiro de 2022 e foi concluído em junho de 2022.

Este documento encontra-se dividido em sete capítulos, a nomear: o Capítulo I – Contexto de Intervenção e de Investigação, onde é realizada a caracterização do contexto educativo tanto do 1º ciclo como do 2º ciclo do Ensino Básico; o Capítulo II – Enquadramento Teórico, onde é feita a revisão da literatura sobre o tema das TIC¹ e VEV² no ensino; o Capítulo III – Metodologia de Investigação e de Intervenção, em que é exposto o modelo adotado no decorrer desta investigação, bem como, são identificados os instrumentos para a recolha de dados; o Capítulo IV – Implementação de atividades fora do contexto do Projeto de Intervenção Pedagógica; Capítulo V – Implementação das atividades relativas ao Projeto de Intervenção Pedagógica; Capítulo VI – Análise de dados, em que previamente é apresentado um levantamento dos dados obtidos e posteriormente, procede-se à análise dessas mesmas informações e o Capítulo VII – Conclusões finais, limitações e recomendações, onde é realizada uma breve reflexão sobre todo o processo de estágio, mas também, são expostas as limitações encontradas e são produzidas algumas recomendações. Por fim, surgem as referências bibliográficas com todos os artigos, livros e documentos oficiais consultados no decorrer da elaboração desta pesquisa.

¹ TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
² VEV – Visitas de Estudo Virtuais

Capítulo I – Contexto de Intervenção e de Investigação

Este primeiro capítulo tem como finalidade apresentar os contextos educativos onde ocorreu o estágio. Posto isto, relativamente ao 1º ciclo do Ensino Básico, o estágio foi desenvolvido numa Escola Básica situada na Trofa. As atividades planificadas foram implementadas numa turma de 3º ano.

No que diz respeito ao 2º ciclo do Ensino Básico, o estágio decorreu, também, numa escola situada na Trofa. Como a professora cooperante lecionava História e Geografia de Portugal no 5º e no 6º ano e Português no 6º ano, foi-me possível experienciar os dois anos de escolaridade que integram o 2º ciclo do Ensino Básico. Por isso, as minhas intervenções no âmbito de História e Geografia de Portugal foram realizadas numa turma de 5.º ano e numa turma de 6.º ano, e no âmbito de Português numa turma de 6.º ano. Devido ao facto de a professora lecionar em várias turmas estas disciplinas, foi possível fazer uma distribuição equilibrada das aulas a lecionar com a minha colega de estágio.

1.1. Caracterização do Contexto Educativo – 1º ciclo do Ensino Básico

Escola

A Escola Básica localiza-se na Trofa, no distrito do Porto (figura 1). Este é um estabelecimento de ensino público que oferece as valências de Jardim de Infância, 1º ciclo do Ensino Básico e ATL³. O seu horário de funcionamento é das 9h às 17h30, sendo que existe um horário de acolhimento das 7h45 às 9h e um horário de prolongamento das 17h30 às 19h. Estes horários de prolongamento surgem como uma medida de apoio às famílias e, durante este período, os alunos realizam os trabalhos de casa e atividades lúdicas como pintura e desenho.

Esta escola caracteriza-se por ter um espaço que mantém a estrutura de escola antiga e outro que recebeu transformações modernas. Por isso, a escola é composta por dois edifícios com acesso interior através de uma rampa. Para além disso, contém um parque infantil e um campo de jogos, no exterior.

Os edifícios são assim constituídos:

³ ATL – Atividades de tempos livres

- Edifício do Jardim de Infância – é um edifício que é composto por duas portas de entrada com um hall para cada uma das salas destinadas ao jardim de infância para as crianças colocarem as lancheiras e casacos, um espaço amplo com cacifos para as funcionárias e uma mesa com cadeiras para atividades;

- Edifício Principal – é um edifício com dois pisos: o primeiro piso é composto pela sala dos professores, cozinha, cantina, arrecadações, biblioteca, polivalente, pavilhão desportivo, sala de ATL, sanitários e o segundo piso é composto por casas de banho e quatro salas de aula.

Os equipamentos que a escola dispõe são variados e podem ser utilizados pelos docentes durante a leção. Neste sentido destacam-se: televisões, vídeos, quadros interativos, mapas, cartazes, caixa métrica, computadores fixos, Internet, fotocopiadoras, jogos lúdico-didáticos, material referente às Ciências Experimentais e à Expressão Físico-Motora.

As idades dos alunos que frequentam esta escola situavam-se entre os 3 e os 5 anos no Pré-Escolar e entre 5 e os 10 anos no 1º CEB. Maioritariamente, os alunos eram de nacionalidade portuguesa, contudo, têm vindo a aumentar o número de inscritos de outras nacionalidades na escola, nomeadamente de nacionalidade brasileira.

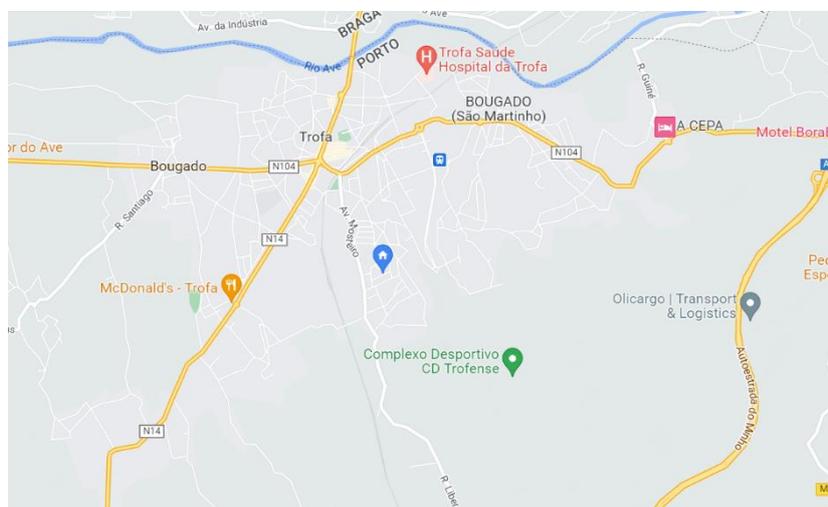


Figura 1 - Localização da escola Básica descrita. Fonte: Google Maps.

Turma

A intervenção pedagógica supervisionada foi desenvolvida numa turma do 3º ano. A turma era constituída por vinte e dois alunos, sendo catorze do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos.

Os alunos desta turma eram todos de nacionalidade portuguesa e apresentavam preferência pelas disciplinas de Português e Estudo do Meio. Alguns alunos frequentavam atividades extracurriculares, nomeadamente natação, dança, futebol, karaté, ballet e aulas de violino. Na turma existia uma aluna de etnia cigana.

Relativamente ao local de residência predominavam três localidades, sendo eles: Trofa, Ribeirão e Famalicão. Na sua maioria, os alunos viviam com ambos os pais e irmãos, formando um agregado familiar de quatro ou mais elementos. Contudo, havia alunos com os pais separados. Relativamente às habilitações e restantes informações sobre os alunos e família, não nos foi possível obtê-las.

Na sala de aula era possível observar-se: um quadro de giz, as mesas dos alunos, a secretária da professora, um computador ligado a um projetor, um quadro interativo, um quadro de marcador, dois armários onde são guardados as capas e o reforço dos materiais de escrita dos discentes e um armário com o material da professora, uma banca com lavatório e armários para guardar materiais na mesma. O espaço físico é bem organizado, o que permite uma boa circulação dos professores e alunos. Com as medidas de proteção estabelecidas pela Direção Geral da Saúde, devido ao vírus Covid19, dentro da sala de aula, os alunos encontram-se em mesas individuais. Mesmo assim, a disposição das mesas da sala permite um relacionamento afetivo entre os alunos, favorecendo os diálogos e a aprendizagem em grande grupo. Por outro lado, como estavam habituados a estar na sala de aula a dividir espaços, tendem a conversar mais e a virar-se para trás. A organização da sala pode ser vista no seguinte esboço (figura 3):

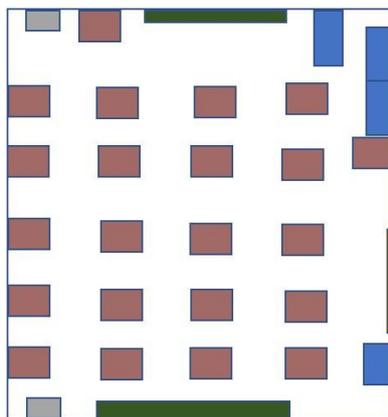


Figura 2 - Esboço da planta da sala da turma de 3º ano. Elaboração própria

As paredes da sala encontravam-se revestidas por recursos feitos pela professora durante o seu processo de formação e estágio relativos às diferentes disciplinas. A decoração da sala de aula, bem como, a existência de três grandes janelas tornavam o espaço mais luminoso, acolhedor e confortável. A sala, tal como todas as outras, tinha ar condicionado e aquecimento central.

1.2. Caracterização do Contexto Educativo – 2º ciclo do Ensino Básico

Escola

A escola correspondente ao 2º ciclo do Ensino Básico localiza-se na Trofa, no distrito do Porto (figura 3). Este é um estabelecimento de ensino público que oferece valência de 2º e 3º ciclos. O seu horário de funcionamento é das 8h30 às 18h30.

Quanto à caracterização do meio, este estabelecimento de ensino insere-se numa área em grandes transformações. Embora esta seja uma região de grandes tradições agrícolas, atualmente verifica-se uma forte implantação fabril. Tal deve-se ao facto de a sua localização estar no cruzamento de dois eixos comerciais importantes, Porto-Braga e Santo Tirso-Póvoa de Varzim.

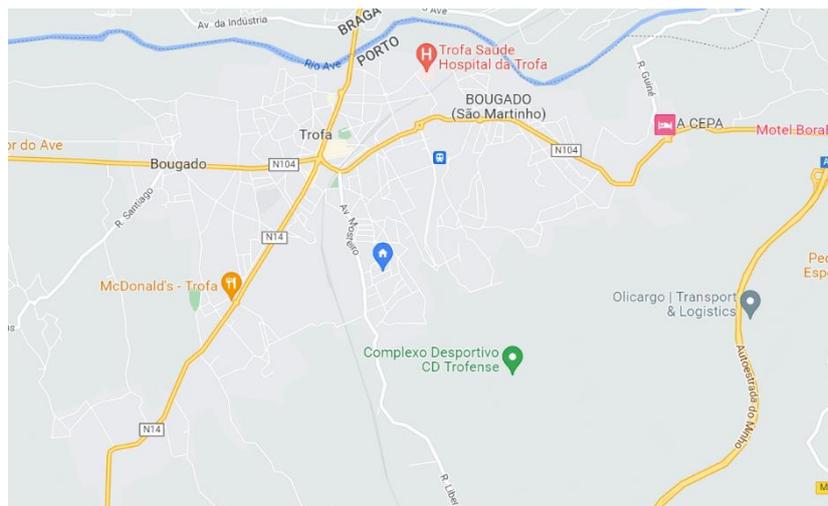


Figura 3 - Localização da escola descrita. Fonte: Google Maps

Relativamente à tipologia da escola, esta sofreu algumas alterações devido ao crescimento da população discente. Recentemente, o estabelecimento de ensino mencionado sofreu alterações a todos os níveis. Atualmente, apresenta três pavilhões identificados por três cores: vermelho, azul e laranja. Cada pavilhão possui quatro salas normais, uma de dimensões reduzidas e três específicas destinadas às seguintes áreas: Ciências Naturais, EVT¹ e Educação Visual. A única exceção é o pavilhão azul que tem cinco salas normais. Para além disso, a escola detém um pavilhão gimnodesportivo e três campos de jogos descobertos. O pavilhão principal tem dois pisos, sendo que no piso superior funciona o Centro de Formação e no inferior, encontram-se os serviços administrativos, a receção, o gabinete do Conselho Executivo, a reprografia, a sala de professores, a sala de atendimento aos Encarregados de Educação, o polivalente com bar de alunos, a papelaria, a sala de funcionários, a cantina, a biblioteca e a videoteca com jogos, televisão, aparelhagem de som e vídeo e sala de informática.

Turmas

A turma de 5.º ano era composta por vinte e sete alunos, sendo que doze eram do sexo masculino e quinze eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos. Nesta turma beneficiavam de subsídio escolar nove alunos: três com o escalão A, cinco com o escalão B e um com o escalão C.

¹ EVT – Educação Visual e Tecnológica

Esta turma, no geral, tinha um bom aproveitamento, no entanto existe um grupo de alunos que apresenta bastantes dificuldades. Os principais problemas identificados foram: falta de atenção e concentração, ausência de hábitos e métodos de estudo, falta de estudo e empenho, dificuldades na compreensão de enunciados orais e escritos e problemas em cumprir as regras de participação oral em sala de aula. Esta turma não apresentava alunos com retenções em anos de escolaridade anteriores.

Destacavam-se três alunos com adaptações ao processo de avaliação (artº28), entre eles uma aluna ao abrigo do decreto-lei nº 54, de 6 de julho de 2018 que passou a usufruir de um Relatório Técnico Pedagógico (artº20) no qual constavam as medidas de suporte à aprendizagem e inclusão. Dentro destas medidas, a aluna usufruirá de medidas universais e medidas seletivas e adaptações ao processo de avaliação interno, devido ao facto de ter um quadro de dislexia com grau de severidade moderado o que acarreta bastantes dificuldades ao nível da linguagem expressiva e compreensiva, escrita, ao nível do cálculo matemático, apresentando, ainda, dificuldades em controlar a sua ansiedade, pelo que, precisa de atenção constante e suportes frequentes por parte do professor, para a compreensão da mensagem e realização das atividades com sucesso.

A função de encarregado de educação era desempenhada, maioritariamente, pelas mães sendo que quatro alunos tinham como encarregado de educação o pai.

A sala do 5º ano encontrava-se no pavilhão laranja e era uma sala de Educação Visual. Por isso, a sala continha: a secretária da professora com o computador; o quadro e o projetor; arrecadação com materiais para a disciplina de Educação Visual, bem como banca, mesa de trabalho, e armário para os alunos guardarem os materiais; mesas dos alunos, em que estavam um aluno em cada mesa. Para além disso, as salas continham janelas enormes que permitiam ter uma boa luminosidade. Para uma melhor visualização apresenta-se o seguinte esboço (figura 4):

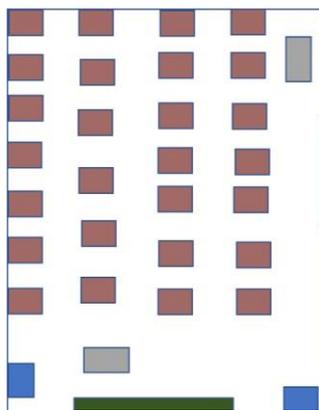


Figura 4 - Esboço da planta da sala da turma de 5º ano. Elaboração própria

Relativamente à turma de 6.º ano, esta era constituída por vinte alunos, verificando-se oito raparigas e doze rapazes. A faixa etária destes alunos variava entre os dez e os doze anos. Na turma beneficiavam de subsídio escolar onze alunos: três com o escalão A, seis com o escalão B e dois com o escalão C.

Esta turma, no geral, exibia maiores dificuldades na aprendizagem dos conteúdos, essencialmente, devido à falta de empenho, atenção e concentração na realização das tarefas propostas e às dificuldades na aquisição de hábitos de estudo. Existiam três alunos que apresentavam retenções em anos de escolaridade anteriores. Contudo, existiam alguns alunos com níveis de aproveitamento e comportamento satisfatórios.

As disciplinas preferidas pela maior parte dos alunos eram Educação Física e Educação Musical. As disciplinas em que tinham maiores dificuldades eram Matemática, Português, Inglês e História e Geografia de Portugal. Neste seguimento, destacavam-se cinco alunos com medidas universais, seletivas e adaptações no processo de avaliação. Para além disso, catorze alunos foram indicados para o apoio pedagógico, sendo que quatro alunos para todas as disciplinas e os restantes variando pelas disciplinas de Matemática, História e Geografia de Portugal, Português, Inglês e Ciências Naturais, Educação Visual e Educação Tecnológica.

No que diz respeito ao papel do encarregado de educação, cinco alunos tinham como encarregado de educação o pai e quinze tinham a mãe.

A sala de aula situava-se no pavilhão vermelho e era uma sala de Educação Visual. Por isso, continha: a secretária da professora com o computador; o quadro e o projetor; arrecadação com materiais para a disciplina de Educação Visual, bem como banca, mesa de trabalho, e armário para os alunos

guardarem os materiais; mesas dos alunos, em que estavam um ou dois alunos em cada, distribuídas em três filas. Para além disso, as salas continham janelas enormes que permitiam ter uma boa luminosidade. A figura 7 expõe um esboço da referida sala:

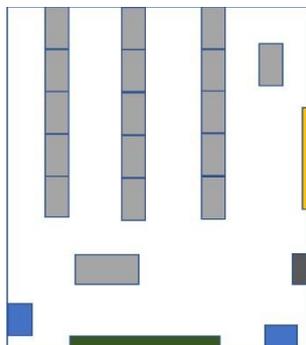


Figura 5 - Esboço da planta da sala da turma de 6º ano. Elaboração própria

Capítulo II – Enquadramento Teórico

O presente capítulo foca os principais aspetos teóricos relacionados com o tema do Projeto de Intervenção Pedagógica: as visitas de estudo virtuais.

2.1. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino

Nos dias de hoje, é impossível fugir à revolução constante que está perante os nossos olhos, principalmente a nível da tecnologia. Esta revolução, segundo Alvin Toffler corresponde a uma “terceira vaga”, como sequência da revolução agrícola e da revolução industrial. Com o resto do mundo a avançar com a ajuda destes recursos, a escola não pode ficar parada no tempo. As crianças e os jovens de hoje em dia, têm no seu código genético a utilização de novas tecnologias e, portanto, têm vontade e facilidade de trabalhar com qualquer tipo de tecnologia existente. Por isso, é necessária a inclusão nas escolas de uma mentalidade recetiva e sem tabus em relação às novas tecnologias, e que promova uma “relação saudável” diminuindo os “analfabetos” da tecnologia, sendo que os professores fazem o papel de reguladores da utilização das mesmas. A integração das ditas novas tecnologias no ensino é apontada como uma das estratégias a que os professores devem recorrer para agradar à Millennial Generation” (Nikirk, 2012, p. 43).

Entende-se por TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) um “conjunto de conhecimentos reflectidos quer em equipamentos e programas, quer na sua criação e utilização ao nível pessoal, educacional e empresarial. Das várias ferramentas, métodos e técnicas, o computador destaca-se, na medida em que é o elemento em relação ao qual existe uma maior interacção com a componente humana” (Sousa, 2001).

As TIC funcionam não só como uma ferramenta que presta serviço ao ensino, mas também como um meio que propicia comunicar o pensamento, desenvolver projetos, resolver problemas, de uma forma facilitada e rápida. A utilização das TIC permite uma articulação com diferentes áreas do saber, o que proporciona a possibilidade de aprender e aprofundar conteúdos do interesse de cada aluno, podendo produzir novos conhecimentos e novas aprendizagens. Ou seja, as TIC constituem um meio para tornar a educação e o processo de ensino-aprendizagem mais atrativos.

Por isso, as novas tecnologias podem alterar as formas de ensinar e aprender, mas o seu sucesso implica que a sua utilização seja a mais correta em contexto de sala de aula, ou seja, que se faça para aceder à informação, para interpretar, organizar e representar o conhecimento pessoal.

Jonassen (2003, p.6-10) considera que o professor deve usar a tecnologia para envolver os alunos numa aprendizagem ativa, construtiva, intencional, autêntica e cooperativa. Entende que a aprendizagem é ativa quando os alunos interagem com um ambiente e manipulam objetos nesse ambiente, observam os efeitos das suas intervenções e constroem as suas próprias interpretações. No entanto, este atributo não é suficiente para tornar a aprendizagem significativa. Para isso, é essencial que seja construtiva, que os estudantes integrem as novas experiências e interpretações no seu conhecimento prévio sobre o mundo e que construam os seus próprios modelos mentais simples para explicar o que observam. O carácter intencional da aprendizagem permite aos alunos procurar ativa e intencionalmente alcançar um objetivo cognitivo, pensar e aprender mais.

Para que os alunos alcancem uma melhor compreensão dos fenómenos que estudam e tornarem-se capazes de aplicar o conhecimento a novas situações, é necessário que as novas tecnologias permitam a envolvimento dos alunos nos seus objetivos de aprendizagem, para além de permitirem que os mesmos articulem o que estão a fazer, as decisões que tomam, as estratégias que utilizam e as respostas que encontram.

A aprendizagem para ser significativa, à parte de ser ativa, construtiva e intencional, também precisa de ser autêntica e cooperativa, ou seja, deve permitir que os alunos realizem tarefas de aprendizagem, trabalhando em grupos, que se enquadrem numa situação do mundo real, significativa ou simulada, num ambiente de aprendizagem baseado em resolução de problemas. As novas tecnologias permitem a realização de tarefas, o que facilita a integração dos alunos na turma e na criação de laços que facilitam a dinâmica da mesma.

Posto isto, a tecnologia, a Internet e as ferramentas multimédia abrem, assim, novos caminhos para o ensino. A Internet disponibiliza novos e variados recursos que podem ser aproveitados para a aprendizagem da História e Geografia. Por isso, parece-nos que a tecnologia, quando usada corretamente, pode ser perspectivada como um elemento facilitador de um processo de mudança educativa em que o papel do professor é sobretudo desenvolver formas para diversificar os percursos de aprendizagem e apoiar os alunos na construção do conhecimento, desafiando-os a pensar, a saber pesquisar, organizar e a ser persistentes, a ser independentes e autónomos e a saber articular o conhecimento com a prática, ou seja, a não aceitar as coisas como elas são.

Assim, o ensino de História e da Geografia tem muito a beneficiar com o recurso às tecnologias, pois estas, ajudam a ultrapassar a apatia, a resistência à aprendizagem e o insucesso, ao permitirem trazer para a sala de aula uma grande diversidade de recursos disponibilizados online. Por isso, concordamos com Ferreira (1999, cit. in Carvalho, C. 2012, p.14 e 15) quando afirma que a utilização das tecnologias e dos “recursos audiovisuais despertam a atenção dos alunos, tornando-os mais interessados e contribuindo para a melhoria da aprendizagem”, ao estimular diferentes canais de acesso à informação.

A utilização do computador na sala de aula de História e Geografia de Portugal pode revolucionar o processo de ensino e aprendizagem sobretudo quando ele é demasiado expositivo, já que a utilização de certo tipo de software com propostas cognitivamente desafiantes, ao dispor do professor, permitelhe estimular a construção do pensamento pelos alunos, em sala de aula. No entanto, e como afirmam Barca, I; Oliveira, C cit. in Solé, G. 2014, p.130, a utilização do computador na educação deve ser muito bem planeada pelo professor, recorrendo a estratégias e metodologias que aproveitem as suas reais potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem, na realização de atividades quer dentro quer fora da sala de aula.

Entende-se, assim, que as TIC só poderão ser consideradas uma ferramenta cognitiva se forem utilizadas num contexto de atividades que desafiem os alunos no crescimento intelectual, no desenvolvimento de competências necessárias à sociedade da informação e comunicação em que estamos mergulhados.

2.2. As visitas de estudo como atividades práticas de apoio ao ensino

As visitas de estudo (VE) têm vindo a ser consideradas, em várias investigações, como uma estratégia pedagógica com a capacidade de potenciar o desenvolvimento global do aluno e de aumentar a sua motivação no processo de ensino-aprendizagem (Kiesel, 2005). Nesse mesmo pensamento, encontram-se as perspetivas dos documentos normativos e dos professores, que as executam na escola e lhes reconhecem potencialidades. Almeida (1998) define esta estratégia como “qualquer deslocação efetuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objetivos educacionais mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p. 51), considerando também que estas se relevam “uma importante atividade facilitadora da compreensão dos

conhecimentos científicos e do desenvolvimento de competências cognitivas e socio-afetivas dos alunos” (p. 25). Já Monteiro (1995) defende que a VE

é uma das estratégias que mais estimula os alunos tendo em conta o caráter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor/alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização. Contudo, a VE é mais do que um passeio. Constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade (p. 188).

As VE parecem revelar-se uma boa possibilidade de promoção da aprendizagem e da motivação para a mesma, em particular na área da História e Geografia de Portugal.

É essencial entender a forma como as VE são implementadas no quotidiano escolar pelos professores. Para isso, analisa-se a investigação realizada por Kisiel (2005) que identifica as principais motivações dos professores para a realização das VE. Os resultados desta investigação tornam-se relevantes na medida em que permitem perceber as perspetivas dos professores, que implementam este tipo de atividades, sobre a sua importância na prática letiva. Os professores que participaram neste estudo identificaram as seguintes motivações para a realização das VE: 1) articular o meio com o currículo escolar, constituindo uma oportunidade para o reforçar ou expandir; 2) expor os estudantes a novas experiências e proporcionar experiências de aprendizagem diferentes e inesquecíveis; 3) promover o interesse, a curiosidade, a motivação e contribuir para alterar o contexto de aprendizagem dos alunos; 4) promover a aprendizagem ao longo da vida e mostrar aos alunos que também se aprende fora do contexto da sala de aula; 5) fomentar uma experiência positiva e do agrado dos alunos; 6) satisfazer as expectativas da escola; 7) proporcionar valiosas oportunidades de aprendizagem e 8) favorecer a compreensão dos conteúdos.

2.2.1 Potencialidades da realização das visitas de estudo

O conhecimento das potencialidades das VE é essencial para rentabilizar esta estratégia no processo de ensino e aprendizagem. Assim, Reis (2009, p. 2) defende que as VE apresentam as seguintes potencialidades:

- Permitem que os alunos observem e interajam com o que estão a aprender;

- Possibilitam iniciar o estudo de determinados assuntos ou aplicar e expandir conhecimentos anteriores;
- Permitem fugir da rotina, constituindo um poderoso elemento de motivação e envolvimento para os alunos e, conseqüentemente, de promoção de aprendizagens;
- Proporcionam o contacto dos alunos com locais e situações aos quais poderiam não ter acesso por limitações diversas;
- Facultam uma aprendizagem contextualizada e integradora de saberes de diversas áreas;
- Facilitam a perceção da relevância das aprendizagens efetuadas;
- Reforçam as relações entre os alunos e entre o professor e os alunos.

De acordo com as potencialidades mencionadas por (Reis, 2009), verifica-se que outros autores (e.g., Kisiel, 2005; Monteiro, 1995; Oliveira, 2012; Paixão, Jorge & Martins, 2012; Rickinson et al., 2004 cit. in Pinto, 2015) nas suas investigações sobre a mesma temática, apontam vantagens similares.

Posto isto, as VE ao permitirem ao aluno o contacto com determinada realidade, estimulam a componente sensorial de forma mais completa, potenciando, conseqüentemente, a sua atenção e interação com a aprendizagem. O facto de os alunos se encontrarem num espaço não familiar, faz despertar a sua atenção e interesse pelo local, sendo que desta forma “contribuem para estimular a curiosidade e o interesse, incentivando os alunos a pensarem por si próprios e influenciando a forma como observam o meio próximo” (Paixão et. al., 2012, p. 208)

Para além destas potencialidades, para Almeida (1998), as VE permitem ainda que alunos com dificuldades económicas, vivenciem experiências, contactem com espaços e meios que, possivelmente, não teriam oportunidade de conhecer de outra forma. Podemos, assim, evidenciar que as VE funcionam como uma estratégia de promoção de igualdade de oportunidades entre alunos.

Uma outra potencialidade descrita, é a interdisciplinaridade associada às VE. As visitas proporcionadas pela escola podem reunir um conjunto de conhecimentos de diferentes áreas disciplinares, permitindo, assim, aos alunos entender a globalidade da aprendizagem.

Além destas potencialidades, ainda se destaca a relação de proximidade entre professoresalunos e alunos-alunos. Para Monteiro (1995), os alunos estando num contexto diferente, que não a sala de aula, desenvolvem uma relação interpessoal mais próxima, que propicia um maior e melhor conhecimento mútuo. Assim, esta relação interpessoal poderá propiciar o desenvolvimento de valores e

atitudes de sociabilidade, a cooperação, o respeito e preservação do património histórico, cultural e natural e o desenvolvimento da capacidade de observação, pesquisa e análise.

Portanto, a VE apresenta-se como uma estratégia que permite abordar a educação para a cidadania pois, através dela, os alunos desenvolvem valores e atitudes que são indispensáveis para se tornarem cidadãos informados, críticos, ativos, éticos e integrados na comunidade.

2.2.2 Constrangimentos da realização das visitas de estudo

Todos os autores mencionados anteriormente e, que defendem as VE consideram uma série de obstáculos à realização das mesmas. Segundo Almeida (1998), os motivos dos obstáculos podem ser agrupados em motivos institucionais, pessoais ou decorrentes das próprias características dos alunos.

Relativamente aos motivos institucionais, o órgão de gestão das escolas, cada vez mais, impõe restrições à concretização de VE. Segundo o mesmo autor, as escolas apresentam, normalmente e com mais frequência, dois motivos: os custos associados à realização de VE e a interferências destas saídas escolares com as atividades letivas de outras disciplinas. Relativamente ao primeiro aspeto, segundo Wright (1980, citado por Almeida, 1998), este tem condicionado, incessantemente, a realização de VE, principalmente, devido ao custo dos transportes, que provoca a limitação dos locais a visitar e o momento da realização da visita não coincidir com o tempo em que está a ser abordado, em sala de aula, o tema da mesma.

As escolhas da escola e, especificamente, dos professores, podem ter alguns efeitos prejudiciais ao desenvolvimento da VE, tal como refere Almeida (1998). O facto de muitas vezes, os professores não serem os totais planeadores e guias da VE, pode fazer com que os objetivos da mesma sejam alterados, uma vez que os guias não conhecem o seu público, podendo não realizar uma adaptação do seu trabalho às características dos alunos, nem tornar adequada a mensagem a transmitir. Para além destas questões anteriormente abordadas, outro constrangimento prende-se com a recusa dos professores em participar nestas atividades, podendo assim inviabilizar a realização da VE, pois o acompanhamento dos alunos implica faltar a uma aula e, por vezes, a mais do que uma aula, nomeadamente no 2º ciclo do Ensino Básico, criando assim o atraso no cumprimento do programa.

Esta questão da falta de professores para o acompanhamento dos alunos relaciona-se com o aumento da carga horária, aumento do nº de alunos por turma e a necessidade de se cumprir programas, normalmente extensos.

Outro dos constrangimentos evidenciado é as características dos alunos. Na grande parte dos casos, os alunos não valorizam as VE como um meio para uma aprendizagem significativa, mas sim uma forma de sair da sua realidade e socializar. Carvalho (2012) evidencia uma experiência desta realidade, concluindo que:

um número significativo de alunos não entrega o roteiro e a maioria dos restantes deixa-o muito incompleto, e quando são chamados a avaliar a atividade, a maior parte dos discentes aponta como aspetos mais positivos da experiência educativa os momentos de convívio com os colegas (p. 21).

Por outro lado, a VE implica que os alunos fiquem mais distraídos do que se estivessem a realizar uma atividade de aprendizagem na sala de aula. Segundo Orion (1989, citado por Almeida, 1998), o facto de as VE ocorrerem em ambientes pouco familiares aos alunos, poderá gerar essa distração, tendo o autor designado esta circunstância como espaço novidade. No entanto, o mesmo autor evidencia que este obstáculo poderá ser minimizado se se atender aos principais componentes do espaço novidade: informação acerca da área a visitar, conhecimento prévio dos alunos e experiências anteriores em VE, como mostra a figura 8.



Figura 6 - As principais componentes do Espaço Novidades (Orion, 1989, p.13)

Segundo autores como Oliveira, Flores, Calafate e Moreira (2014, p. 1330) citado em Pinto (2015, p.28), o conhecimento prévio “depende dos conceitos e competências que os estudantes lidam durante a visita de estudo e pode ser reduzida mediante a realização de atividades concretas, como o contacto

dos estudantes com o material que vão encontrar no campo bem como a simulação de fenómenos e processos naturais em atividades laboratoriais”.

Segundo estes autores, se houver uma preparação prévia da VE, fornecendo aos alunos informações sobre o local a visitar, pode atenuar-se o espaço novidade.

As TIC são atualmente muito utilizadas no dia-a-dia das escolas. No âmbito das VE, considera-se as TIC um meio para colmatar os constrangimentos mencionados anteriormente, através da realização de VEV. As VEV podem promover uma nova perspetiva sobre estas atividades, colmatando as principais dificuldades e potenciando as suas vantagens.

2.3. As visitas de estudo virtuais (VEV)

Apesar da importância das visitas de estudo, nem sempre é possível proceder à sua realização, por razões já referidas anteriormente. Esta impossibilidade obriga os professores e as escolas a criar alternativas, de forma a ultrapassar as limitações mencionadas e proporcionar aos alunos experiências de contacto virtual e interatividade com o meio exterior. São nestas situações que surgem as VEV, que através das suas múltiplas possibilidades de navegação, interatividade e integração dos recursos tecnológicos e multimédia, permitem aos alunos disfrutar de várias alternativas, concretizando o mais importante: a ponte entre a sala de aula e o exterior e o transporte dos alunos para uma vivência concreta e interativa da aprendizagem.

Vários autores têm trabalhado o conceito de VEV (e.g. Botelho & Chagas, 2004; Cox & m Su, 2004; Jonassen, Howland, Moore & Marra, 2003; Klemm & Tuthill, 2003; Stoddard, 2009 cit. in Pinto, 2015) apresentando-a como uma estratégia de aprendizagem e motivação, com utilização da tecnologia, que possibilita aos alunos viajar sem sair da escola e estabelecer relações entre o meio exterior e os conceitos aprendidos na sala de aula. Para Klemm e Tuthill (2003) o conceito de VEV engloba uma grande variedade de soluções educativas e tecnológicas, mas, em geral, diz respeito a apresentações multimédia que, através do computador, permitem aos alunos contactar com imagens, sons e descrições de lugares distantes. Para Botelho e Chagas (2004), o recurso a esta estratégia permite, através de técnicas multimédia, proporcionar aos alunos um conjunto de sensações provocadas pelo contacto com determinado local ou espaço temático. Jonassen et. al. (2003) refere que esta estratégia tem a

potencialidade de estimular a imaginação dos alunos, proporcionando-lhes uma oportunidade para estabelecer relações entre os seus conhecimentos prévios e nova informação que vão adquirindo.

As VEV estão diretamente associadas à utilização das TIC que, com o facto de permitirem o uso de diferentes meios e novas possibilidades de acesso à informação, têm ampliado as possibilidades de exploração e interatividade deste tipo de experiências virtuais. Para além de se constituir uma alternativa às VE tradicionais, quando estas não possam ser realizadas, as VEV permitem também, através de recursos informáticos e multimédia, explorar, descobrir e construir conhecimento a partir da manipulação virtual de lugares que dificilmente se poderia aceder presencialmente (Klemm & Tuthill, 2003). Jonassen et. al. (2003) distingue estes recursos e experiências em diferentes categorias, devido às suas diferenças: VEV e expedições online. Posto isto, considera-se que nas primeiras, os alunos usam a Internet para visitar virtualmente determinados locais, enquanto nas expedições online os alunos acompanham a viagem real de um explorador ou investigador. As VEV podem ser apresentadas de diversas formas, como uma simples apresentação em PowerPoint, até experiências virtuais mais multifacetadas que integram animações, simulações, fotografias, vídeos, texto, áudio e videoconferência. Qualquer que seja o suporte e a modalidade gráfica adotada, vários autores (e.g., Klemm & Tuthill, 2003; Pereira, Brilha & Dias, 2000 cit. in Pinto, 2015) reconhecem um grande potencial pedagógico às VEV, dando-lhes assim duas funções:

- Apoiar a concretização de VE tradicionais, de forma prévia ou posterior à sua realização;
- Constituir uma alternativa às VE tradicionais quando a sua realização não é possível.

Relativamente à primeira função, Klemm e Tuthill (2003) referem que as VEV são muito úteis para introduzir as VE tradicionais. Isto é, antes da realização das VE, o professor tem de preparar a atividade, conhecer o espaço escolhido para a visita e relacionar com o programa, determinando o momento ideal para a realização da mesma. Para além deste auxílio ao professor, esta atividade pode constituir um importante contributo para a realização das VE, na medida em que, dá a conhecer aos alunos os espaços a visitar, motivando-os e envolvendo-os nesses espaços. Permite dar a conhecer aos alunos os objetivos que são pretendidos alcançar com a visita, aguçando a curiosidade e o interesse no local. Esta preparação que antecipa a saída da escola é de elevada importância pois promove aprendizagens significativas e duradoiras. Assim, a VEV permite mostrar aos alunos uma visão geral do espaço que vão visitar, de forma a evitar que os alunos dispersem durante a visita e também contribuam com uma participação ativa, questionando e interagindo.

A VEV poderá ajudar, também, a fazer uma síntese de todos os aspetos abordados durante a VE, esclarecendo os objetivos que a orientaram, de modo a articular os novos conhecimentos adquiridos com o currículo escolar. Para além disso, ainda ajudará a interpretar, sistematizar e ordenar a informação recebida, transformando-a em novos conhecimentos que posteriormente permitam aplicar em novas situações.

Para Pereira, Brilha e Dias (2000), as VEV podem ser usadas numa abordagem prévia, para a preparação de uma saída de campo, ou posteriormente à saída de campo. Assim, a exploração prévia do local a visitar “permite a identificação dos aspetos mais significativos, de modo a que sobre eles possam focar a sua atenção durante a saída” (Ford, 1998, citado por Pereira, Brilha & Dias, 2000, p. 45). Já a exploração virtual do local posterior à VE tradicional pode potenciar a revisão e discussão dos aspetos focados durante a visita, permitindo aos alunos “obterem informações sobre determinados assuntos ou ainda para observarem certos aspetos que, por distração, falta de tempo, más condições climatéricas ou cansaço, não foram observados no local”.

Relativamente à segunda função para as VEV, Klemm e Tuthill (2003) consideram que os professores poderão utilizar esta estratégia para apoiar o estudo de certos temas e locais, que por algum motivo não possam ser visitados. Referem ainda que as VEV também podem ser utilizadas para proporcionar um ensino diferenciado a alunos que exijam essa diferenciação.

Quando as visitas de estudo tradicionais não são possíveis de se realizar, é necessário a criação de alternativas, que podem passar pela realização de VEV, que constituem um elemento inovador, interativo e promotor do conhecimento, ainda que virtual, de importantes locais para o currículo, desenvolvimento da aprendizagem e da motivação dos alunos. Para Pereira, Brilha e Dias (2000) as VEV podem mesmo ser a única hipótese viável nas seguintes situações:

- Quando os percursos são em zonas inacessíveis (superfície lunar, fundos oceânicos...);
- Quando os percursos são em zonas protegidas em que o impacto causado por um grande afluxo de indivíduos pode contribuir para a destruição destes sistemas;
- Quando os percursos se situam em zonas de acesso difícil (cadeias montanhosas, ilhas, inexistência de vias de acesso...);
- Quando os percursos se situam em zonas que pelas suas características podem colocar em risco a integridade física dos indivíduos (zonas vulcânicas, zonas onde existem conflitos armados...);

- Quando os locais a visitar se situam em zonas cujos afloramentos ficaram cobertos ou foram destruídos devido a ações naturais ou antrópicas (existência de uma densa cobertura vegetal, ação intensa dos agentes de meteorização, execução de obras de construção civil);
- Quando os percursos são muito distantes e a deslocação implica despesas avultadas;
- Quando, devido a deficiências físicas, ou outros condicionalismos, os indivíduos estão impossibilitados de se deslocar aos locais.

Acrescentaria ainda aqui que as VEV revelam inúmeras vantagens num contexto de distanciamento social como a pandemia nos obrigou.

Tal como a VE tradicional, as VEV necessitam de ser bem planeadas, implementadas e avaliadas, devido ao facto de a sua metodologia de realização ser bastante idêntica. É importante a existência de um guião de visita para a orientação dos alunos, mencionando como devem procurar a informação que pretendem, podendo também a VEV ser livremente realizada pelos alunos, de acordo com os objetivos definidos para a mesma. (Botelho, Afonso & Chagas, 2004 citado por Oliveira & Barca, 2014).

O professor deve, no decorrer das VEV, ser facilitador das aprendizagens. Isto é, propor atividades do interesse dos alunos, procurando que eles participem ativamente na aprendizagem; encorajar a resolução de problemas; promover aprendizagens em grupo; proporcionar experiências que desenvolvam novas competências, e atender aos diferentes estilos e modalidades de aprendizagem e à diversidade de inteligências (Klemm & Tuthill, 2003, p. 183). Botelho, Afonso e Chagas (2004) descrevem o papel do professor na realização de uma VEV, em três funções principais: o desenho da VEV, a elaboração dos materiais de apoio e a orientação dos alunos sempre que por eles é requerida. Esta ideia enquadra-se na visão de professor como facilitador da aprendizagem e não, apenas, como transmissor. Neste contexto, os alunos tendem a aumentar o seu empenho nas tarefas, de forma a selecionar, processar a informação e dar respostas aos problemas. É neste sentido que as VEV são vistas com um potencial superior ao de outros recursos tradicionais (por ex., recursos disponíveis na biblioteca), uma vez que permitem ao aluno movimentar-se e interagir autonomamente, promovem a atribuição de significado àquilo que vão experimentando e, conseqüentemente, aprendendo. Para que a VEV possa cumprir este objetivo de aprendizagem, os autores propõem que estas se estruturam com base em algumas tarefas: interação com o ambiente criado; contacto com diferentes modalidades sensoriais; acesso a especialistas dos temas abordados; realização de observações, análise e processamento dos dados obtidos. Desta forma, os alunos assumem um papel ativo na sua própria aprendizagem quando realizam uma VEV. A VEV envolve-os numa aprendizagem autónoma, interativa e ativa, que lhes permite contactar o meio

natural virtualmente e com isso desenvolver competências de observação, interpretação, análise e síntese.

As VEV neste estudo, pelo que já foi descrito neste capítulo, enquadram-se numa perspetiva construtivista de aprendizagem, uma vez que têm na sua base objetivos que se pautam por propiciar situações de aprendizagem significativa, em que o aluno pode, de facto, atribuir sentido aos conceitos e temas aprendidos, através das possibilidades que as VEV promovem de relacionar conhecimentos prévios com novos conteúdos (Jonassen et al., 2003), de atender aos diferentes estilos de aprendizagem (Cox & Su, 2004; Stoddard, 2009; Klemm & Tuthill, 2003) e de dotar o aluno de um papel ativo no seu processo de aprendizagem (Botelho, Afonso & Chagas, 2004).

2.3.1 Potencialidades das visitas de estudo virtuais

Como qualquer estratégia de aprendizagem, as VEV também apresentam potencialidades e constrangimentos.

Para Qui e Hubble (2002), Klemm e Tuthill (2003), Foley (2001, citado por Jonassen et. al., 2003) e Çaliskana (2011) a VEV apresenta-se como uma experiência enriquecedora de aprendizagem tendo um papel importante no ensino da História e Geografia. Estes autores destacam as seguintes potencialidades no uso das VEV:

- Apresentam uma maior segurança física relativamente aos alunos, uma vez que a visita está restrita à sala de aula, não necessitando de deslocações e assim não estão sujeitos a ambientes que possam ser palco de acidentes;
- Implicam menores gastos económicos, pois a única ferramenta exigida é o computador com ligação à Internet;
- Impedem as razões logísticas e burocráticas: o impedimento administrativo nas autorizações requeridas (Conselho Executivo, Conselho Pedagógico, DRE-ME,...) e a elaboração de parte dos documentos exigidos para a viagem ser aprovada;
- Permitem desconsiderar as limitações provocadas pelas condições atmosféricas;
- Permitem aumentar a frequência e variedade de atividades de contacto com o meio exterior, uma vez podem ser realizadas várias VEV ao longo do ano letivo e sempre em estreita articulação com o currículo escolar;

- Proporcionam o encontro com novos locais inacessíveis e experiências impossíveis de concretizar doutra forma;
- Permitem ao professor inovar e modificar a sua prática pedagógica em função das características dos seus alunos, selecionando as informações e atividades que considera mais adequadas. Deste modo, os alunos podem aprender e explorar os locais de acordo com o seu próprio ritmo, interesses e dificuldades;
- Potenciam práticas dinâmicas e interativas, uma vez que permitem aos alunos aprofundarem determinados aspetos que lhes despertem mais interesse, pois poderão aceder a um conjunto de ligações que lhes fornecem informações extra e enriquecedoras;
- Têm menor interferência nas atividades escolares, pois não há necessidade de envolver outros professores ou auxiliares da ação educativa, designados para acompanhar a turma;
- Facilita a preservação do ambiente real, ao minimizar o impacto da atividade humana no local (ex: zonas protegidas como parques e reservas naturais);
- Fomentam a concentração dos alunos e o cumprimento das tarefas propostas; □ Apoiam a preparação e avaliação da visita tradicional.

Ao realçar estas potencialidades, não se pretende defender a substituição das VE presenciais pelas virtuais. Aliás, à semelhança de vários autores, estas devem ser usadas como complemento àquelas, ou como alternativa quando a sua realização não é possível, permitindo que os alunos descubram novos interesses, ampliem conhecimentos e expandam o seu horizonte cultural e social, para além dos limites impostos pela sala de aula e pela comunidade em que vivem.

2.3.2 Constrangimentos das visitas de estudo virtuais

Mas, Botelho e Chagas (2004), Reis (2010) e Carvalho (2012) afirmam que, existem constrangimentos nas VEV, pois não são nada mais, nada menos do que meras simulações da realidade. Assim, estes autores referem os seguintes constrangimentos:

- Diminui as características sensoriais associadas ao local real, nomeadamente em relação ao tato e ao olfato;
- Nem sempre é possível uma imagem tridimensional do ambiente, comprometendo o conceito de distância e espaço das dimensões reais;

- Baseadas geralmente em imagens estáticas associadas, a noção de movimento e dinâmica da natureza pode ficar comprometida;
- Depende dos recursos tecnológicos existentes nas escolas, que nem sempre se encontram disponíveis ou funcionais;
- Depende da existência de requisitos mínimos, nos computadores das escolas, que permitam suportar os programas ou serviços que se pretendem utilizar;
- Torna difícil a compreensão da informação em ferramentas ou serviços que não se encontram disponíveis em língua portuguesa, principalmente no 1º ciclo;
- Exige rigor científico, por parte do professor, na escolha dos materiais: fontes fidedignas de informação, respeito pelos direitos de autor e licenças de utilização (valores e atitudes que devem ser inculcados nos alunos);
- Diminui o caráter informal das relações interpessoais, entre alunos e, entre alunos e professor, não atingindo o nível alcançado fora da sala de aula.

Tendo em conta estas preocupações e situações, cabe ao professor equacionar a relevância e pertinência da realização deste tipo de atividades e, caso a adote, deve procurar ter os devidos cuidados na sua preparação, consecução e avaliação.

Capítulo III – Metodologia de Investigação e Intervenção

Neste terceiro capítulo encontra-se a metodologia de investigação e intervenção utilizada no decorrer da prática pedagógica. Os métodos e instrumentos escolhidos para a recolha e análise dos dados, tanto no 1º ciclo como no 2º ciclo do Ensino Básico, foram idênticos. Sendo assim, realizaram-se fichas de trabalho, atividades de exploração de *PowerPoint's*, documentos e vídeos e ainda atividades nas aplicações *Kahoot e Socrative*. Foram aplicados inquéritos com o intuito de recolher a opinião dos alunos sobre as aulas e, nomeadamente, as Visitas de Estudo Virtuais realizadas. Para além disso, recorreu-se a grelhas de observação direta com o intuito de registar o comportamento e o empenho dos alunos nas atividades propostas.

A conceção do presente relatório de estágio baseou-se na metodologia de investigação-ação. Esta técnica possibilita que os professores se envolvam de uma forma mais completa e reflexiva na sua prática. Segundo Craveiro (2006), a investigação constitui-se como fonte de esclarecimento para as tomadas de decisão e a ação como fonte de informação para a investigação, interagindo num processo recursivo permanente.

A metodologia de investigação-ação pode ser definida como sendo “um processo dinâmico, interativo (sic) e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise das circunstâncias e dos fenómenos em estudo” (Máximo-Esteves cit. in Mesquita-Pires, 2010, p.74). Este tipo de investigação funciona “como uma oportunidade de desenvolvimento profissional, pela interactividade (sic) que estabelece entre o processo de conhecimento, o objecto (sic) a conhecer e as dinâmicas de colaboração contextualizadas que promove” (Mesquita- Pires, 2010, pp. 80-81). Posto isto, o objetivo principal da ação após a investigação é causar uma mudança no meio envolvente, ou seja, é “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria” (Lomax cit. In Oliveira da Fonseca, 2012, p.18).

De acordo com Oliveira da Fonseca, a investigação-ação engloba seis fases que podemos destacar: “a planificação, a ação, a observação, a reflexão, a avaliação e a reformulação” (Oliveira da Fonseca, 2012, p.20), que segundo a mesma autora “se desenvolvem de forma contínua e em movimento circular, possibilitando o início de novos ciclos que desencadeia novas espirais de experiências de ação reflexiva” (Oliveira da Fonseca, 2012, p.20).

No decorrer de uma investigação-ação existem três formas que possibilitam a recolha de dados de um determinado contexto, como: os inquéritos, as análises de documentos e a observação. Os inquéritos

ou questionários consistem “num conjunto de perguntas sobre determinado assunto ou problema em estudo, cujas respostas são apresentadas por escrito e permite obter informação básica ou avaliar o efeito de uma intervenção quando não é possível fazê-lo de outra forma”. (Oliveira da Fonseca, 2012, p.25)

A análise de documentos também retém uma grande importância na investigação-ação funcionando como uma boa fonte de informação. Ou seja, após a realização de uma ficha de trabalho sobre determinado conteúdo, o docente consegue retirar da mesma quais as dificuldades dos alunos, possibilitando uma melhoria na sua futura intervenção.

A observação direta e participante permite que o docente esteja envolvido com o meio e passe a conhecer profundamente a realidade que está a investigar a observar (Oliveira da Fonseca, 2012, p.25). Neste seguimento, os diários de bordo revelam-se um instrumento imprescindível, na medida em que podem ser considerados “um guia de reflexão sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência” (Porlán e Martín cit. in. Melo de Oliveira, Gerevini e Strohschoen, 2017, p.124).

Em conclusão, a investigação-ação assume grande relevância pois permite “tornar profissionais reflexivos, intervenientes e interacionistas nos contextos em que se inserem, dando origem a práticas pertinentes, oportunas e adaptadas às situações com as quais trabalham, cujo objetivo é promover a mudança social.” (Oliveira da Fonseca, 2012, p.27)

3.1. Métodos e instrumentos de recolha de dados

Tendo em conta os objetivos delineados inicialmente, o projeto foi desenvolvido em torno das questões de investigação:

- De que modo a realização de Visitas de Estudo Virtuais contribuem para a motivação dos alunos na aprendizagem de conteúdos relacionados com o Estudo do Meio e a História e Geografia de Portugal?
- Que importância desempenham as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de Estudo do Meio e História e Geografia de Portugal?

Com o objetivo de dar resposta às questões anteriores, definiram-se alguns instrumentos de recolha de informação. Neste sentido, apresenta-se na seguinte tabela a ligação entre dois pontos:

“Instrumentos de Recolha de Informação” e “Objetivos”.

Tabela 1 - Relação entre os “objetivos específicos” do projeto de intervenção pedagógica e os instrumentos de recolha de informação utilizados.

Instrumentos de recolha de informação	Objetivos Específicos
Fichas de trabalho	- analisar a pertinência da realização de Visitas de Estudo no âmbito do Estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal
Observação das visitas de Estudo Virtuais	- avaliar como as novas tecnologias contribuíram para melhorar o processo de ensino-aprendizagem - analisar a pertinência da realização de Visitas de Estudo no âmbito do Estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal
Questionários	- analisar a pertinência da realização de Visitas de Estudo no âmbito do Estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal
Observação das atividades didáticas como visionamento de vídeos sobre o tema lecionado nas aulas; exploração de <i>PowerPoint</i> , <i>Kahoot</i> e <i>Socrative</i> , leitura e análise de documentos	- avaliar como as novas tecnologias contribuíram para melhorar o processo de ensino-aprendizagem - analisar a pertinência da realização de Visitas de Estudo no âmbito do Estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal

Capítulo IV – Implementação de atividades fora do contexto do Projeto de Intervenção Pedagógica

O presente capítulo apresenta a descrição das atividades implementadas extra Projeto de Intervenção Pedagógica, tanto no 1º ciclo do Ensino Básico na disciplina de Estudo do Meio como no 2º ciclo do Ensino Básico, na disciplina de História e Geografia de Portugal. Estas aulas realizaram-se de forma experimental, de modo a conhecer a turma e as suas particularidades e, por isso, realizaram-se antes das aulas relativas ao Projeto de Intervenção Pedagógica. Assim sendo, embora não integrando o Projeto de Intervenção Pedagógica foram fundamentais para a sua concretização, pelo que decidi incluir a sua descrição neste relatório.

4.1. Descrição das atividades implementadas no 1º ciclo do Ensino Básico

Ao nível do 1º ciclo do Ensino Básico, foram implementadas duas aulas experimentais de Estudo do Meio.

A primeira planificação implementada diz respeito à disciplina de Estudo do Meio sobre o tema “Os membros da sua família” e “Datas e factos significativos da história da família”. Esta aula teve muita importância devido ao facto de corresponder à minha primeira intervenção feita no 1º ciclo do Ensino Básico. Esta intervenção foi sugerida pela professora cooperante, no dia anterior à sua realização. Tendo em conta o registo feito das aulas da professora, entendemos, eu e a minha colega Margarida, que seria pertinente manter o tipo de aula dada pela professora, sendo que, após a planificação estar feita, apresentamo-la à mesma, que a aprovou. Assim, conectando os conteúdos programáticos que deveriam ser abordados e o material didático e interativo, surgiu um conjunto de atividades que permitiu aos alunos uma aprendizagem concreta e significativa, isto é, que os motivou à participação e concentração.

A aula do dia vinte e nove de outubro de dois mil e vinte e um foi iniciada com questões prévias para ficarmos a conhecer o que os alunos sabiam sobre o tema e darmos continuidade à nossa aula, a partir daí. Utilizámos o manual projetado no quadro interativo para apresentar a matéria e os alunos responderam positivamente a esse momento, estando atentos e fazendo questões. Para além disso, cada um partilhou com os colegas um pouco da sua família. Após o momento de diálogo e partilha da matéria, os alunos realizaram questões presentes no manual escolar³, com o auxílio de uma árvore genealógica impressa e posteriormente a realização de uma ficha do caderno de atividades do manual.

No final da aula, conversámos com a professora titular da turma para que nos pudesse dar um feedback de como correu a aula e como poderíamos melhorar para as próximas.

A segunda aula implementada também diz respeito à disciplina de Estudo do Meio e focava-se no tema “Distinguir freguesia/concelho/distrito/país”. Esta aula corresponde à última intervenção feita no 1º ciclo antes da intervenção sobre o projeto. Assim, tal como na primeira aula dada, conectando os conteúdos programáticos que deveriam ser abordados e o material didático e interativo, surgiu um conjunto de atividades que permitiu aos alunos uma aprendizagem concreta e significativa, isto é, que os motivou à participação e concentração. Esta aula foi implementada no dia dez de novembro de dois mil e vinte e um. Nesta aula encontrava-me mais descontraída porque já estava mais integrada na dinâmica dos alunos.

³ Lima, E., Barrigão, N., Pedroso, N., Rocha, V. Alfa Estudo do Meio 3. 1ª edição. Porto: Porto Editora, 2018

Iniciei o tema com questões como “O que acham que é uma freguesia? Conhecem alguma?” “E um concelho?”, “E um distrito?”, “Sabem por quantos distritos é composto Portugal Continental?”. Após a dinâmica inicial, para retirar as minhas conclusões sobre as ideias prévias dos alunos sobre o tema, utilizei um recurso pedagógico e tecnológico diferente para abordar o tema, neste caso, o Prezi. Foi através de uma apresentação no Prezi (anexo 1) que abordei os conteúdos programáticos com as definições e conceitos necessários para que eles entendessem o que estava a ser abordado. À medida que ia explicitando um conceito, os alunos iam registando no caderno diário o que lhes ia pedindo. No final da aula, fiz uma revisão da matéria para ficar bem consolidada, questionando os alunos se tinham dúvidas.

4.2. Descrição das atividades implementadas no 2º ciclo do Ensino Básico

Ao nível do 2º ciclo do Ensino Básico, foi implementada uma aula de História e Geografia de Portugal, ao 6º ano de escolaridade.

No dia três de março de dois mil e vinte e dois, foi implementada a minha primeira aula no 2º ciclo do Ensino Básico. Foi uma intervenção feita na turma do 6º ano de escolaridade, turma onde lecionei as aulas para o Projeto, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Devido ao facto de ser a minha primeira aula no 2º ciclo, estava bastante nervosa e, embora já tivesse observado as aulas desta turma até então, estava reticente acerca do comportamento da mesma pelo facto de ser eu a dar a aula. Um dos meus maiores receios era não estar preparada para responder a questões inusitadas por parte dos alunos. Contudo, a aula correu muito bem e a professora cooperante deu-me um feedback positivo sobre a mesma. A aula dada abordou o fim da 1ª República e a Instauração da Ditadura Militar.

Inicialmente, promovi um momento de diálogo com os alunos como forma a perceber o que é que eles sabiam da matéria até ao momento, fazendo questões como “Quanto tempo durou a 1ª República?” e “Será que a participação na 1ª Guerra teve efeitos positivos em Portugal?”. Ao contrário do que foi previamente planificado por mim, não utilizei o PowerPoint mencionado na planificação feita, apenas utilizei o Manual Interativo da “Escola Virtual” e dois recursos videográficos “Portugal na 1ª Guerra Mundial” e “O golpe militar de 28 de maio de 1926” dessa plataforma.

· Santos, A., Cirne, J., Henriques, M. Novo Viagens no Tempo 6. Porto: Areal Editores, 2021

No final da exposição da matéria, distribuí pelos alunos um esquema feito por mim (anexo 2), funcionando como resumo do que foi lecionado, pedindo aos alunos que o colassem no caderno da disciplina. Após analisar o esquema e questionar se havia dúvidas ou questões, pedi para que os alunos realizassem questões do manual escolar.

Capítulo V – Implementação das atividades relativas ao Projeto de Intervenção Pedagógica

O presente capítulo apresenta a descrição das atividades implementadas no âmbito do Projeto de Intervenção Pedagógica, tanto no 1º ciclo do Ensino Básico na disciplina de Estudo do Meio como no 2º ciclo do Ensino Básico, na disciplina de História e Geografia de Portugal.

5.1. Descrição das atividades implementadas no 1º ciclo do Ensino Básico

As intervenções ao nível do 1º ciclo do Ensino Básico foram feitas em 12 horas e divididas por aulas de Português, aulas de Estudo do Meio e aulas de Matemática. As estratégias efetivamente utilizadas não correspondem, na totalidade, às estratégias que foram descritas no Projeto inicialmente feito, dado que este foi realizado muito no início do ano letivo quando muitos aspetos concretos das aulas que efetivamente iria lecionar não eram conhecidos. As alterações feitas tiveram em vista o melhor cumprimento das Aprendizagens Essenciais do ano em questão, 3º ano, e, também, à concordância entre o tema principal do projeto e a matéria programada para a professora cooperante lecionar no período da minha intervenção. Posto isto, e apelando à interdisciplinaridade, o tema principal que se associava ao comércio na disciplina de Estudo do Meio, adaptou-se às restantes disciplinas.

Iniciei as aulas de intervenção no dia dezassete de janeiro de dois mil e vinte e um. Nesta aula, encontrava-me descontraída e confiante, apesar da responsabilidade de orientar uma turma, pois já tinha contactado com estes alunos, em intervenções informais realizadas anteriormente.

Iniciei a intervenção na área do Português, com a leitura de um texto que estava presente no manual escolar com o título de "Gestos simples para poupar nas compras". A escolha deste texto decorreu de um longo processo de procura pois, para interligar os temas das disciplinas, procedi à leitura de vários textos relacionados com o consumo e o comércio.

Antes de iniciar a leitura do texto, foram feitas questões de pré-leitura tais como "Costumas ir às compras?", "Sabes o que é poupar?". Após este momento de diálogo, foi iniciada a leitura, que foi avaliada e realizada de forma a que todos os alunos lessem, pelo menos, duas frases do texto. Após a leitura, foi realizada uma ficha de trabalho de compreensão do texto lido (figura 7) (anexo 3).

Agrupamento de Escolas da Tróia
Ficha de trabalho "Gastas simples para poupar nas compras"

Número: _____ Ano: 3º ano
 Data: 17/11/2021 Escola Básica de Tróia

Compreensão do texto

1. Identifica a intenção do autor ao escrever este texto. Assinala com X a resposta mais adequada.

O autor pretende:

Dar conselhos para poupar energia com o uso dos aparelhos elétricos em casa.

Dar conselhos para poupar dinheiro ao fazer compras no supermercado.

Avisar as pessoas para não gastarem muito dinheiro.

2. Regista as ações que, segundo o autor, as pessoas devem fazer antes de ir a um supermercado.

a) Fazer uma lista

b) Passar uma revista às despesas, frigorífico e congelador.

3. Por que razão é que devemos ter os seguintes comportamentos quando precisamos de fazer compras no supermercado? Liga cada comportamento à sua razão.

- Fazer uma lista de produtos a comprar.
- Passar revista à despensa, frigorífico e congelador.
- Não fazer compras com fome.

- Por causa da tentação de comprar petiscos e guloseimas.
- Para ver se ainda há produtos guardados em casa.
- Para pensar comprar apenas os produtos de que realmente precisa.

Gramática

1. Copia as palavras da família e substitui o radical correspondente. Segue exemplo.

Mercado → mercadoria comprar tudo → compradas
 Casa → casalhão comprar → comprado
 Fome → famélico comprar → comprado
 Patates → patatesco lista → listagem

2. Coloca corretamente os acentos gráficos nas seguintes palavras.

água figurino elétrico pessego má aquilo difícil

3. Circina a sílabe tônica das palavras.

sa^{nta}da su^{per}mer^{ca}do bol^{sa} ca^{ta} pe^{co} b^{ri}o co^{po} g^{ri}to

4. Completa o quadro de acção com os exemplos.

Palavras	palavra	Posição de sílaba tônica	Classificação da
café	arborescente	perdida	última
alhojo	estrétil	grave	agudo
curioso			
figurino			
supermercado			
aparelhos			
guletes			
indivíduo			
ma			
estômago			
anos			

5. Copia do texto palavras (5 para cada categoria) que são:

Monossilábicas: café, água, fome, ma, anos, fat

Dissílabas: café, água, fome, anos, fat

Trissílabas: café, água, fome, anos, fat

Polissílabas: café, água, fome, anos, fat

6. Completa as palavras cruzadas.

Horizontais: 2 = Masculino de água 7 = Masculino de mãe
 3 = Feminino de anjo 8 = Feminino de João
 4 = Masculino de água 9 = Feminino de João
 5 = Feminino de água 10 = Feminino de João
 6 = Masculino de água 11 = Masculino de João
 7 = Feminino de água 12 = Masculino de João

Verticais: 1 = Masculino de água 13 = Masculino de João
 2 = Feminino de água 14 = Masculino de João
 3 = Masculino de água 15 = Masculino de João
 4 = Feminino de água 16 = Masculino de João
 5 = Masculino de água 17 = Masculino de João
 6 = Feminino de água 18 = Masculino de João

Escrita

1. Presta atenção ao vídeo explicativo. Elabora um ANSO para os dados da compra, incluindo nos teus pais os conselhos que o texto dá e o plano de modo gráfico. Usa o espaço a seguir para resumir a escrita do texto.

Olá!!!

Fazer uma lista de compras.
Passar revista às despesas, frigorífico e congelador.
Não fazer compras com fome.
Olá compras com mais saúde!!!

Figura 7 - Exemplo da ficha de trabalho realizada por uma aluna

Enquanto os alunos realizavam a ficha de trabalho autonomamente, eu percorria (figura 10) a sala para verificar se tinham algumas dificuldades e para incentivar alguns alunos a avançar. Após a realização

da ficha de trabalho até à secção da gramática, foi projetado um vídeo explicativo sobre o que era um “aviso”, de forma a introduzir o exercício que foi pedido na secção da escrita.

O vídeo explicativo era da “Escola Virtual” e explicava o que era suposto conter num aviso. Os alunos realizaram a secção de escrita, que pedia que escrevessem um aviso para os pais, começando por escrever um rascunho no espaço disponível na ficha. Este aviso estava relacionado com o tema da poupança, de forma a que quando fossem às compras, se lembrassem de alguns pormenores desse aviso. Alguns alunos tiveram dificuldades e pediram que eu passasse várias vezes o vídeo explicativo da “Escola Virtual”. Posteriormente, os alunos escreveram o aviso final numa folha a limpo, colaram a folha numa cartolina com uma cor à sua escolha e ilustraram como pretenderam. A ideia era que levassem para casa e pendurassem o aviso num local da casa bem visível. Durante este processo, os alunos partilharam algumas curiosidades e especificidades em relação à sua família, ampliando o ambiente de partilha na sala de aula.

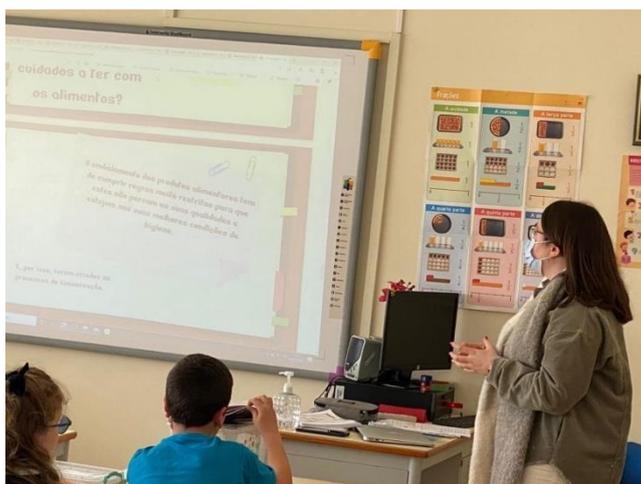


Figura 8 - Fotografia de uma aula lecionada

A primeira intervenção feita na área de Estudo do Meio foi realizada no dia dezoito de janeiro e foi a aula avaliada pela Prof. Cristiana Martinha. No início desta aula, eu estava bastante nervosa, e embora a professora supervisora me tivesse transmitido confiança, sentia-me "pressionada" pela sua presença. Para além disso, no início estava com problemas técnicos na apresentação do *PowerPoint*, o que provocou um nervosismo acrescentado.

Introduzi a matéria através de questões iniciais como “O que entendem por comércio?”, “Sabem a diferença entre comércio tradicional e grande comércio?”, “Já foram a alguma feira? Existe alguma na tua localidade? A que dia da semana?”, “E a um mercado municipal?”, “E a um centro comercial?”, para ficar a conhecer as ideias que os alunos tinham sobre o tema e as suas vivências.

Iniciei a abordagem da matéria com recurso a um *PowerPoint*, apresentando-lhes a matéria com imagens e vídeos. Os alunos mostraram-se entusiasmados com este recurso diferente pois estão acostumados a restringir-se à utilização do manual escolar. Durante a apresentação do *PowerPoint* surgiu uma dúvida dos alunos que perguntaram "O que são os impostos e para que servem?". De forma a não deixar os alunos sem resposta, sugeri que esta questão fosse para trabalho de casa, de pesquisa na Internet ou até mesmo com os pais, para quando tivéssemos oportunidade, pudéssemos debater sobre o assunto. Esta questão surgiu, pois, os alunos eram bastante curiosos e, em partilha com a turma, disseram que já tinham ouvido essa palavra nas conversas dos familiares, contudo não compreendiam o seu significado. Após a apresentação *PowerPoint* e da partilha de ideias e temas que surgiram, os alunos realizaram uma ficha de trabalho para consolidar os conhecimentos (anexo 4).

No dia seguinte, dezanove de janeiro, foi realizada a correção da ficha de trabalho iniciada no dia anterior. Posteriormente, foi apresentado um *PowerPoint* de uma Visita de Estudo Virtual ao comércio da Trofa (figura 11) (anexo 5) dialogando com os alunos sobre os mapas do concelho existentes no mesmo, com questões como: “Vocês conhecem estes locais?”, “Já lá foram com a vossa família?”, “O que vendem?”, “Sabem de onde vêm esses produtos?”.

Inicialmente, os alunos mostraram-se entusiasmados com esta visita e, quando lhes disse que iríamos fazer uma visita de estudo, mostraram-se surpreendidos pois acharam que seria uma visita ao local, efetivamente. Contudo, foram bastante recetivos deste formato e demonstraram vontade de ter sido uma visita mais longa e com mais locais do seu conhecimento. A visita, como já foi referido, foi realizada através do recurso *PowerPoint*. Ao longo dos slides, foram apresentados locais do comércio da Trofa com a sua localização fotográfica no Google Earth, uma fotografia do local e a descrição do estabelecimento comercial. No final da visita, foi realizada uma atividade na aplicação Kahoot (anexo 6) dando-a a conhecer aos alunos. Esta atividade foi realizada em grupo turma no quadro interativo e os alunos revelaram entusiasmo na sua realização. Consistia em questões de resposta múltipla sobre a visita feita.



Figura 9 - Slide inicial do PowerPoint "Um passeio virtual pelo comércio da Trofa"

No dia vinte de janeiro, foi realizada a última intervenção relacionada com o tema, desta vez na área da matemática. Inicialmente foi apresentado o vídeo "Dinheiro - O euro - Matemática 1º ciclo - O Troll explica." disponível na plataforma *Youtube* (figura 12), de forma aos alunos conseguissem recordar as notas e as moedas do nosso sistema monetário. Os alunos adoraram o vídeo e pediram para ver uma segunda vez e, para além disso, a professora cooperante considerou um ótimo recurso. Após a visualização do vídeo, os alunos realizaram uma ficha de trabalho (anexo 7) com problemas sobre adição e subtração de quantias. Durante a realização da ficha, surgiu um problema em que os alunos tiveram mais dificuldade pois tinham de realizar uma operação que ainda não tinham aprendido. Este problema foi aproveitado para abordar essa operação e os alunos conseguiram concluir o problema. No final, a ficha foi corrigida no quadro interativo com os alunos a colaborar no quadro.



Figura 10 - Ilustração do vídeo explicativo sobre o dinheiro disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xetcY1YAuuA>

5.2. Descrição das atividades implementadas no 2º ciclo do Ensino Básico

5.2.1 Descrição das atividades implementadas no 5º ano de escolaridade

No dia trinta e um de março de dois mil e vinte e um, iniciei a minha intervenção na turma do 5º ano de escolaridade, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Como já foi mencionado, lecionei sobre o tema presente no domínio C “Portugal do século XIII ao século XVII”, no subdomínio C1 “Portugal nos séculos XIII e XIV”. Contudo, em conjunto com a professora cooperante, foi decidido que a Visita de Estudo Virtual iria estar relacionada com o tema que estava a ser lecionado pela mesma, ou seja, o tema presente no domínio B “A Península Ibérica: dos primeiros povos à formação de Portugal (século XII)”, no subdomínio B4 “A formação do Reino de Portugal”. Devido à importância do mesmo, sugeri que fosse feita uma visita de estudo ao Castelo de Guimarães e, por isso, a primeira aula, antes de iniciar o novo tema, correspondeu à visita.

Inicialmente, explicitiei à turma que iria ser uma aula diferente e que iríamos a uma visita de estudo diferente. Todos ficaram curiosos e entusiasmados com a aula que iria lecionar e a pensar que iriam ter uma aula fora da sala. Contudo, expliquei-lhes que iria ser uma visita de estudo virtual, ou seja, uma visita realizada através do computador e não no local. A visita foi feita com recurso a *PowerPoint* (anexo 8), feito por mim, onde fiz uma contextualização história sobre o Condado Portucalense, os condes D. Teresa e D. Henrique, o rei D. Afonso Henriques e sobre o quão importante foi o Castelo de Guimarães

para a Reconquista. Após a contextualização, passei para a localização e configuração do castelo, utilizando uma planta do castelo disponibilizada pelo CMJornal em <https://campanha.cmjornal.pt/portugal-monumental/>. (figura 13)



Figura 11 - Planta do Castelo de Guimarães usada na visita

Ao longo da visita os alunos mostraram-se bastante entusiasmados e admirados com as curiosidades que lhes foram ditas sobre o castelo. Fizeram muitas perguntas e mostraram-se participativos e empenhados em conhecer cada espaço do castelo.

No final, foram disponibilizados dois questionários: um de avaliação de conhecimentos (anexo 9) e outro de avaliação da visita (anexo 10), para que eu pudesse ficar a conhecer a opinião dos alunos sobre as visitas de estudo virtuais e a sua pertinência e envolvimento nos conhecimentos adquiridos.

No questionário de avaliação de conhecimentos, as questões centravam-se no que tinha sido falado durante a visita. Na primeira questão, pedi que os alunos identificassem as várias áreas do Castelo, apresentando um mapa com as respetivas. As duas questões seguintes focavam-se no rei D. Afonso Henriques, perguntando quem tinha sido e porque é que este está relacionado com a fundação da nacionalidade. As duas questões seguintes relacionavam-se com os Condes D. Henrique e D. Teresa, sendo que durante a visita, na contextualização história, foi falado sobre os mesmos, perguntando quem foram os condes e de que condado é que eram. De seguida, foi perguntado o que era a torre de menagem

de um castelo, onde os alunos teriam de dizer para que servia. As três perguntas seguintes relacionavam-se com a Batalha de S. Mamede perguntando que forças estiverem frente a frente na mesma, quem saiu vencedor e qual o contributo para a fundação da nacionalidade. A pergunta final corresponde a uma curiosidade que foi dada durante a visita, que aborda a Igreja de S. Miguel do Castelo, perguntando que acontecimento importante tinha acontecido nesta igreja (figura 14).

Visita de Estudo
Castelo de Guimarães

O que podemos ficar a conhecer no Castelo de Guimarães?

«Lê com atenção todas as questões que te são colocadas e responde ao que é pedido.»

Entre finais do século XII e início do século XIII, os condes D. Henrique e D. Teresa escolheram este castelo como local de residência. Foi construída a imponente torre de menagem e o perímetro defensivo foi alargado e reforçado construindo-se a porta central, a leste.

Quem foram os condes D. Henrique e D. Teresa?

De que condego eram condes?

O que é a torre de menagem de um castelo?

Terá sido dentro deste castelo que D. Afonso Henriques nasceu, em 1127, as Forças de Afonso VII de Leão e terá sido no campo de S. Mamede, vizinho do castelo, que se terá travado a famosa Batalha de S. Mamede.

Que forças estiveram frente a frente na Batalha de S. Mamede?

Quem saiu vencedor dessa batalha?

Quais as consequências dessa vitória para a fundação do Reino de Portugal?

Proximo do Castelo de Guimarães localiza-se a Igreja de S. Miguel do Castelo. Segundo a lenda, que acontecimento importante ocorreu nesta igreja?

Até à próxima viagem!

Handwritten answers in blue ink:
 Quem foi D. Afonso Henriques? D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal independente e seguiu a independência do condado.
 Porque é que D. Afonso Henriques está relacionado com a fundação da nacionalidade? Porque foi o pai do primeiro rei de Portugal independente.
 Entre finais do século XII e início do século XIII, os condes D. Henrique e D. Teresa escolheram este castelo como local de residência. Foi construída a imponente torre de menagem e o perímetro defensivo foi alargado e reforçado construindo-se a porta central, a leste.
 Quem foram os condes D. Henrique e D. Teresa? Foram os primeiros condes de Portugal.
 De que condego eram condes? Eram condes de Borgonha.
 O que é a torre de menagem de um castelo? É a parte mais alta do castelo onde se encontra a torre de menagem.
 Terá sido dentro deste castelo que D. Afonso Henriques nasceu, em 1127, as Forças de Afonso VII de Leão e terá sido no campo de S. Mamede, vizinho do castelo, que se terá travado a famosa Batalha de S. Mamede.
 Que forças estiveram frente a frente na Batalha de S. Mamede? D. Teresa e D. Afonso Henriques.
 Quem saiu vencedor dessa batalha? D. Afonso Henriques.
 Quais as consequências dessa vitória para a fundação do Reino de Portugal? Foi a origem da independência de Portugal.
 Proximo do Castelo de Guimarães localiza-se a Igreja de S. Miguel do Castelo. Segundo a lenda, que acontecimento importante ocorreu nesta igreja? Foi a fundação do Reino de Portugal.
 Até à próxima viagem!

Figura 12 - Exemplo de questionário de avaliação de conhecimentos feito por um aluno.

Posteriormente, os alunos responderam ao questionário de avaliação da visita, onde se questionava os alunos se gostaram de participar na visita, se esta pode ser uma maneira de aprender História e Geografia de Portugal e porquê, o que é que eles tinham aprendido com a realização da visita, quais as maiores dificuldades durante a mesma, o que mais gostaram e menos gostaram, e pedia para avaliar o desempenho de cada um, numa escala de Insuficiente a Muito Bom (figura 15).

Os resultados dos questionários irão ser posteriormente analisados.

Questionário de Avaliação da Visita

Este questionário tem como objetivo avaliar a visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães. Agradecemos que respondesses INDIVIDUALMENTE a todas as questões. É essencial que sejas sincero nas tuas respostas.

Nome

[Redacted Name]

1. Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães?

Sim Em parte Não

2. A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?

Sim Em parte Não

Porque? *Porque é uma forma divertida de aprender e de mais vontade de aprender nos momentos não de aula.*

3. O que aprendeste através da realização desta visita de estudo virtual?

Aprendi a que tem dentro do castelo e como ele funcionava.

4. Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao realizar a visita de estudo virtual?

Dificuldade em ver algumas imagens.

5. O que mais gostaste na visita de estudo virtual? E o que menos gostaste?

Eu gostei da apresentação do castelo e de como ele era. ~~Eu gostei da apresentação do castelo e de como ele era.~~

6. Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual:

Insuficiente Suficiente Bom Muito bom

Obrigada pelas respostas!

Prof. Ana Rita Oliveira

[Signature]

Figura 13 - Exemplo de questionário de avaliação da visita feito por um aluno.

No dia um de abril de dois mil e vinte e dois, realizou-se a segunda aula de intervenção relativa ao Projeto, na turma de 5.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Devido ao facto de a professora cooperante me ter pedido para proceder à entrega de um elemento de avaliação “A Carta”, quem deu início à aula foi a professora. Contudo, como entrei primeiro na sala do que a professora, os alunos começaram-me a questionar, entusiasmados, se era eu que iria dar a aula, sendo que ao responder que sim, disseram “Que fixe!”. Enquanto a professora procedia à entrega e correção da carta, escrevi o sumário da aula anterior e o da presente aula.

Após a professora realizar a correção da carta oralmente, inicie a matéria, utilizando o manual escolar, projetando-o no quadro e analisando a imagem presente nas mesmas. Primeiramente, para contextualizar, procedi a um desenho de uma linha do tempo no quadro, com o nascimento de Cristo, para que os alunos pudessem entender que momento da História iríamos iniciar o estudo. Os alunos

entenderam que naquela imagem estavam representadas algumas das principais atividades económicas dos séculos XIII e XIV, nomeando-as. Resolvemos oralmente as questões presentes no manual escolar.

Posteriormente, iniciei a exposição da matéria, abordando, então, quais as principais atividades, sendo que durante a exposição fui questionando os alunos com questões como “O que acham que era retirado da agricultura? Acham que era uma atividade fácil?”. Após a exposição relativa à agricultura, à pesca e salicultura e ao artesanato, projetei no quadro um vídeo explicativo disponível na “Escola Virtual” com o nome de “As principais atividades económicas dos séculos XIII e XIV”. Para ficar registado no caderno da disciplina, os alunos copiaram do manual os quadros para o caderno diário. Os alunos encontravam-se bastante participativos e atentos, com vontade de marcar a sua presença na aula e de mostrar as suas capacidades e conhecimentos, tornando a aula mais fácil de lecionar.

No dia vinte e um de abril de dois mil e vinte e dois, realizou-se a terceira aula de intervenção na turma de 5.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Como era a primeira aula desta disciplina no terceiro período, a professora cooperante pediu-me se poderia disponibilizar alguns minutos iniciais para que pudesse questionar aos alunos se tinham algum reparo a fazer em relação às notas finais do segundo período. Enquanto a professora questionava os alunos, procedi à escrita do sumário da aula.

Após a escrita do sumário, questionei os alunos sobre o que é que tinha sido abordado antes das aulas de autoavaliação, visto que, no final do segundo período, as últimas duas aulas foram lecionadas pela professora cooperante, para proceder à autoavaliação dos alunos. Alguns alunos, utilizaram o que tinham escrito no caderno diário para responder à minha questão, fazendo assim, uma revisão do que já tinha sido dado sobre o tema.

Ao longo da aula, enquanto procedia à partilha de conhecimentos, em conjunto com os alunos e, de acordo com o que estava a lecionar, fomos completando um esquema (figura 16) para distinguir o comércio interno e externo, fazendo especial referência à importância das feiras, dos almocreves e das feiras fracas, no que diz respeito ao comércio interno. Para além disso, nesse esquema foram apresentados os produtos que eram importados e exportados, no que diz respeito ao comércio externo, mencionando também os principais portos e locais para onde eram enviados os produtos. No final do esquema, foram apresentados os benefícios do desenvolvimento do comércio, quer interno quer externo.

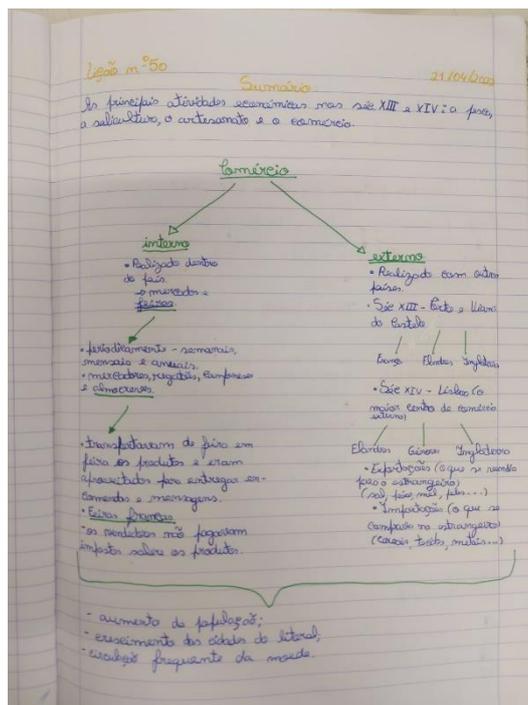


Figura 14 - Esquema realizado por aluno no caderno da disciplina

No final da aula, recorri ao recurso videográfico da “Escola Virtual” “O desenvolvimento do comércio externo no século XIII”, para abordar um pouco mais sobre o comércio externo e a sua importância.

No dia vinte e dois de abril de dois mil e vinte e dois, realizou-se a quarta aula de intervenção na turma de 5.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Nesta aula iniciou-se um novo subtema que se foca na sociedade portuguesa dos séculos XIII e XIV e nos grupos sociais.

Inicialmente, questionei aos alunos se sabiam o que eram grupos sociais e quais os existentes, para tentar perceber quais os conhecimentos prévios sobre o tema. Posteriormente e, recorri ao manual, explicitando como era feita divisão da sociedade e das terras, analisando figuras presentes no manual, para que os alunos percebessem a hierarquia existente.

Após analisarmos as figuras do manual, realizamos um esquema no quadro, com apoio do mesmo, sobre cada um dos grupos sociais, fazendo a distinção entre os grupos privilegiados e os não privilegiados, destacando qual a principal função de cada grupo social e, no caso dos grupos privilegiados, quais os seus domínios senhoriais. Ao longo das aulas, a turma demonstrou interesse em fazer apontamentos no caderno da disciplina sobre os temas abordados e, no início desta aula, perguntaram-

me se iria realizar um esquema como o da aula passada, justificando que era mais fácil a percepção da matéria e mais fácil fazer o posterior estudo. Para além disso, este tipo de aulas permite que os alunos sejam desafiados a “procurar” no seu manual aquilo que é necessário para completar o esquema e que participem na dinâmica da aula.

No final da aula, após visualizarem o recurso videográfico “A sociedade medieval” disponível na “Escola Virtual”, os alunos realizaram atividades do manual e, o que não conseguissem terminar, ficaria para trabalho de casa.

No dia vinte e oito de abril de dois mil e vinte e dois, realizou-se a quinta aula de intervenção na turma de 5.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Inicialmente, e como forma de dar início à aula e relembrar o que foi dado na anterior, comecei por questionar os alunos quem tinha realizado os trabalhos de casa e fazendo a sua correção. Considero que os trabalhos de casa são uma via adicional de treino para os alunos, facilitadora da aprendizagem, sendo este o principal motivo para atribuir trabalhos de casa. Para além disso, considero que são um ponto de partida para o início da aula seguinte e para analisar se existem dúvidas sobre a matéria dada ou não.

Após a correção dos trabalhos de casa, comecei por expor o que era um “concelho”, de que forma é que lhes era dada a autonomia, mencionando a importância das “Cartas de foral”, quem era a burguesia e qual o seu papel na sociedade. A pedido dos alunos, realizamos um esquema no quadro com as informações mais importantes sobre a autonomia dos concelhos.

Posteriormente, abordei qual o papel do rei na sociedade e qual a importância das Cortes, mencionando a partir de que Corte, o povo passou a ter representantes. Como forma a consolidar o que foi dado, recorri ao recurso videográfico “As cortes” disponível na “Escola Virtual” para que os alunos pudessem analisar o que consta numa Corte.

No final da aula, os alunos realizaram as atividades presentes no manual e o que não conseguissem acabar na aula, iria para trabalho de casa.

No dia vinte e nove de abril de dois mil e vinte e dois, realizou-se a sexta e última aula de intervenção na turma de 5.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Inicialmente, e como forma de dar início à aula e relembrar o que foi dado na anterior, comecei por questionar os alunos quem tinha realizado os trabalhos de casa e fazendo a sua correção. Após a

correção dos trabalhos de casa, e com recurso a PowerPoint iniciei a abordagem ao tema da aula “Aspetos da Cultura Portuguesa dos séculos XIII e XIV”. Achei adequada a utilização deste recurso, na medida em que, de acordo com o tema, me permitiu mostrar aos alunos, imagens com pormenor sobre o mesmo e tornar a aula mais visual e significativa. Ao longo do *PowerPoint* iam-se ouvindo aspetos importantes sobre os tipos de cultura existentes. Regra geral, os alunos mostram-se motivados para as aulas onde se utilizam este programa, por não serem aulas centradas apenas nos métodos tradicionais, como o manual escolar, tendo sempre um diferente dinamismo.

Primeiramente, foram mostradas imagens relativas à mentalidade e à religião da população nos séculos que estavam a ser estudados, analisando os dois tipos de culturas existentes, a cultura do povo e a cultura da corte. Recorri ao recuso videográfico “A Cultural medieval portuguesa”, onde foi possível analisar cada tópico estudado sobre os dois tipos de cultura.

De seguida, foram mostradas imagens relativas aos dois tipos de arte evidentes na época, a arte gótica e a arte românica, onde foi possível mostrar dois monumentos com pormenores e características de cada tipo. Enquanto procedia à apresentação, os alunos perguntavam se podiam passar para o caderno da disciplina as informações que estavam a ser apresentadas, o que mostra o que já foi dito, os alunos são recetivos a tomar apontamentos e organizar o caderno da disciplina para sentirem que têm a matéria “em dia” e organizada.

No final, para consolidação da matéria, os alunos realizaram as atividades do caderno das perguntas.

5.2.2 Descrição das atividades implementadas no 6º ano de escolaridade

No dia quatro de março de dois mil e vinte e um, realizou-se a primeira intervenção no 6º ano de escolaridade, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Sendo esta a minha segunda aula dada nesta turma, estava menos nervosa porque a primeira aula, que tinha sido lecionada no dia anterior, tinha tido um feedback muito positivo tanto por parte dos alunos, como por parte da professora cooperante. O tema que lecionei estava presente no domínio E “Portugal do século XX”, no subdomínio E2 “O Estado Novo (1933-1974)”.

Inicialmente, comecei por perguntar aos alunos, de forma a entender quais os conhecimentos prévios sobre o tema, o que sabiam sobre Salazar e qual a opinião que tinham sobre ele. A maioria dos alunos respondeu que, ou através dos pais ou através dos avós, tinham conhecimento que Salazar tinha feito, e passo a citar um dos alunos, “a vida negra à população”.

Após um pequeno momento de diálogo, que considero ser fundamental para que a aula possa tomar um rumo onde os alunos sintam que fazem parte dele, comecei por analisar o friso cronológico presente no manual escolar para contextualizar o tema na História.

Posteriormente, partilhei com os alunos os conhecimentos sobre Salazar e o Estado Novo e como o mesmo foi subindo de cargo, optando por medidas que tinham em vista recuperar da crise que o País atravessava. Recorri ao recurso videográfico “A ascensão de Salazar e o equilíbrio das contas públicas” disponível na “Escola Virtual”. Não foi mostrado aos alunos o PowerPoint sobre a política de obras públicas, porque no momento de aula considerei que não era possível passar para essa parte da matéria, tal como tinha sido planificado.

No final da aula, os alunos realizaram as duas questões presentes no manual e procedemos à sua correção.

No dia sete de março de dois mil e vinte e dois, realizou-se a segunda aula de intervenção na turma de 6.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Inicialmente, tomei como ponto de partida onde ficamos na aula anterior, falando sobre a política de obras públicas tomada a cabo por Salazar, utilizando um PowerPoint disponibilizado pelo Manual Interativo, onde se podem ver os vários tipos de obras promovidas por Salazar. Este recurso permitiu visualizar imagens diferentes das presentes no manual.

Posteriormente, e com ajuda de um esquema no quadro, fiz a distinção entre as três constituições, a de 1822, 1911 e a que iríamos abordar agora, a Constituição de 1933, expondo as características de cada uma, dando a entender aos alunos as mudanças ao longo dos anos. Para além do esquema, entreguei aos alunos um esquema (anexo 11) com as principais medidas existentes na Constituição de 1933, para que eles colassem no caderno da disciplina.

Questionei os alunos sobre o que observavam em um documento presente no manual escolar ao que me responderam que consistia numa balança onde a Constituição de 1933 tinha maior peso que a constituição anterior.

No final da aula, os alunos realizaram três questões, duas estavam presentes no manual escolar e uma foi escrita por mim no quadro. Procedemos à correção de uma questão, sendo que as seguintes ficaram para corrigir na aula seguinte. De sublinhar que, uma das dificuldades que experienciei ao longo da intervenção, foi a questão do controlo do tempo disponível para cada atividade planificada.

No dia dez de março de dois mil e vinte e dois, realizou-se a terceira aula de intervenção, na turma de 6.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Esta aula foi supervisionada pela professora supervisora Cristiana Martinha e foi a primeira aula supervisionada no 2º ciclo do Ensino Básico. Encontrava-me um pouco nervosa, pois estava a ser supervisionada por três professoras, como era o caso, a professora supervisora, a cooperante e a minha colega estagiária. Contudo, considero que tenha sido uma aula conseguida e onde consegui superar a minha principal dificuldade, a gestão do tempo para cada tarefa.

Inicialmente, comecei por corrigir as questões da aula anterior, sendo esse o ponto de partida para o resto da aula. Para esta aula, foi utilizado um PowerPoint que estava disponível no manual interativo, onde se podia visualizar todas as formas de propaganda e difusão de ideais utilizadas pelo Estado Novo. Pedi aos alunos que lessem alguns textos escritos nos manuais escolares da época, para que pudessem entender que a difusão das ideias de Salazar, começava desde cedo.

Posteriormente, utilizei o recurso videográfico “A propaganda ao Estado Novo” disponível na “Escola Virtual”, para que fosse possível analisar, ao pormenor, um documento alusivo aos ideais “Deus, Pátria e Família”.

No final da aula, os alunos realizaram questões do manual, para consolidação da matéria e verificação das dúvidas, sendo que foram corrigidas duas questões apenas.

No dia onze de março de dois mil e vinte e dois, realizou-se a quarta aula de intervenção, na turma de 6.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Inicialmente, realizei a correção das questões propostas na aula anterior. Depois, abordei quais os mecanismos de repressão utilizados no Estado Novo, sendo que os alunos tiveram de registar no caderno da disciplina os conceitos mais importantes como “ditadura”, “censura” e “PIDE”.

Posteriormente, como forma a consolidar a matéria lecionada, utilizei o recurso videográfico “Os mecanismos de repressão do Estado Novo”, disponível na “Escola Virtual”.

No final da aula, os alunos realizaram questões manual, para consolidação da matéria e verificação das dúvidas, sendo que foram corrigidas todas as questões.

No dia catorze de março de dois mil e vinte e dois, realizou-se a quinta aula de intervenção, na turma de 6.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Nesta aula foi realizada uma Visita de Estudo Virtual ao Museu do Aljube, devido ao facto de ser um museu dedicado à história e à memória do combate à ditadura e ao reconhecimento da resistência em prol da liberdade e da democracia. Esta visita de estudo, para tornar o ambiente mais dinâmico e real, foi feita através de um vídeo disponível na plataforma *Youtube*, com o nome de “Museu do Aljube – Resistência e Liberdade • Lisboa • Portugal | BeSisluxe Tours” disponibilizada por BeSisluxe Tours. Inicialmente tinha planeado e pensado fazer um vídeo com as fotografias que estão disponíveis no site oficial do Museu do Aljube e a respetiva identificação dos espaços presentes, contudo, devido à falta de tempo para esse feito, decidi utilizar o vídeo disponível pela BeSisluxe Tours. Considero que o vídeo que escolhi aborda todos os tópicos importantes do Museu, de uma forma clara e perceptível.

Para simular a entrada num museu real, os alunos entraram na sala de aula, abrindo o bilhete para o museu (figura 17), através de um código QR, feito por mim, disponível na porta da sala. Cada aluno instalou, previamente, uma aplicação que permitia a leitura do código QR.



Figura 15 - Bilhete de entrada para o Museu do Aljube acedido através de código QR.

Após a realização da visita, foram disponibilizados dois questionários: um de avaliação de conhecimentos (anexo 12) e outro de avaliação da visita (anexo 13), para que eu pudesse ficar a conhecer a opinião dos alunos sobre as visitas de estudo virtuais e a sua pertinência e envolvimento nos conhecimentos adquiridos.

· <https://www.youtube.com/watch?v=o9gL1PuLE-E&t=10s>

No questionário de avaliação de conhecimentos (figura 18), as questões centravam-se no que tinha sido falado durante a visita. Na primeira questão pedi que os alunos identificassem o ano em que foi inaugurado o Museu do Aljube; a segunda questão pedia para os alunos referirem o período que estava a ser representado pelo Museu; a terceira questão perguntava qual o nome da polícia política criada em 1945 e o que significa a sua sigla; na quarta questão era questionado quais as fases de detenção dos presos políticos; a quinta questão perguntava como é que terminava a exposição permanente do Museu e a última questão pedia aos alunos para explicar o simbolismo dos cravos vermelhos.

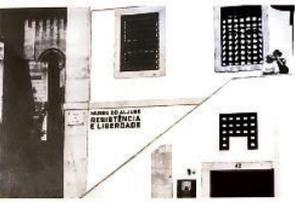
VISITA DE ESTUDO VIRTUAL

Museu do Aljube

Escola: _____
Nome: _____



O que podemos ficar a conhecer no Museu do Aljube?



Conteúdo
Sintetizar as principais características do Estado Novo, nomeadamente a ausência de liberdade individual, a existência da censura e de polícia política, a repressão do movimento sindical e a existência de um partido único;

Objetivos

- Desenvolver a capacidade de observação, análise e comunicação dos alunos.
- Sensibilizar para a preservação do património histórico-cultural.

Interdisciplinaridade
HGP
Português

FIG. 1 Museu do Aljube, Lisboa.

Hoje, vamos conhecer o Museu do Aljube, situado em Lisboa.

Aljube é uma palavra de origem árabe, que significa poço ou cisterna, sendo igualmente utilizada para designar prisão e, especialmente, prisão obscura e profunda.

O Museu do Aljube é dedicado à memória do combate à ditadura e à resistência dos que lutaram em defesa da liberdade e da democracia e situa-se na antiga prisão do Aljube, que funcionou como cárcere político do Estado Novo entre 1928 e 1965. O museu encontra-se dividido em 5 pisos, desde o -1 ao piso 3.



Para mais informações, consultar a página do Museu, disponível em:

Agora que já terminou a visita, lê com atenção todas as questões e responde.

1. Em que ano foi inaugurado o Museu do Aljube?
16 de maio de 2015

2. Qual o período apresentado neste museu?
sobre 1928 e 1965, incluindo o Estado Novo.



FIG. 2 Porta principal da antiga Cadeia do Aljube.



FIG. 3 Apresentação dos presos políticos.

3. Qual o nome da polícia política criada em 1945? Qual o significado da sua sigla?
PIDE
Fabrica internacional de de
depois da entrada

4. Quais eram as fases de detenção dos presos políticos?
"Vou conhecer sem ver a cor de liberdade"



FIG. 4 Sala a Lisboa ao 25 de abril de 1974.

5. Como é que termina a exposição permanente do museu?
A libertação do 25 de Abril

6. O que simbolizam os cravos vermelhos?
O sangue dos soldados que combateram na guerra dos 25 de Abril

Espera que tenham gostado!

Figura 16 - Exemplo de questionário de avaliação de conhecimentos feito por um aluno.

Posteriormente, os alunos responderam ao questionário (figura 19) de avaliação da visita, onde se questionava os alunos se gostaram de participar na visita, se esta pode ser uma maneira de aprender História e Geografia de Portugal e porquê, o que é que eles tinham aprendido com a realização da visita, quais as maiores dificuldades durante a mesma, o que mais gostaram e menos gostaram, e pedia para avaliar o desempenho de cada um, numa escala de Insuficiente a Muito Bom.

Questionário de Avaliação da Visita

Este questionário tem como objetivo avaliar a visita de estudo virtual ao Museu do Aljube. Agradecemos que responda INDIVIDUALMENTE a todos os questionários. É essencial que seja sincero nas suas respostas.

1. Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Museu do Aljube?

Sim Em parte Não

2. A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?

Sim Em parte Não

Porquê? *Porque podemos aprender coisas interessantes e saber mais sobre os acontecimentos que aconteceram lá.*

3. O que aprendeste através da realização desta visita de estudo virtual?

Entendi que a revolução aconteceu em 25 de Abril de 1974 e que a revolução aconteceu em 25 de Abril de 1974 e que a revolução aconteceu em 25 de Abril de 1974.

4. Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao realizar a visita de estudo virtual?

5. Sentiste dificuldade na compreensão da guia desta visita devido ao facto de falar português do Brasil?

Confesso que não compreendi muito o português de Portugal, mas não me fez muita diferença.

6. O que mais gostaste na visita de estudo virtual?

Ter visto o interior do dia 25 de Abril e ter visto a primeira e também gostei de ver o do trabalho que se fez na condução onde "viveu".

Questionário de Avaliação da Visita

1. Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Museu do Aljube?
Sim

2. A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?
Sim



Figura 17 - Exemplo de questionário de avaliação da visita feito por um aluno.

No dia dezassete de março de dois mil e vinte e dois, realizou-se a sexta e última intervenção, na turma de 6.º ano, no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal. Esta aula foi supervisionada pela professora supervisora Cristiana Martinha e foi a segunda aula supervisionada no 2º ciclo do Ensino Básico. Ao contrário do que aconteceu na primeira aula supervisionada, senti-me mais confiante de que iria correr tudo bem e nada nervosa. Acredito que isto aconteça, por me ter habituado ao ambiente da turma, ao longo das aulas que lecionei. Contudo, devido ao facto de utilizar uma ferramenta digital diferente, esta aula não correu dentro do que eu tinha planeado, pois os alunos encontravam-se um pouco desconcentrados do que era importante realizar, neste caso, atividades de consolidação de conhecimentos para o teste de avaliação.

Inicialmente, esclareci os alunos sobre o que iríamos fazer com a plataforma *Socrative* (figura 20) (anexo 13) que, embora já tivesse sido utilizada pela professora cooperante com a turma, alguns não disponibilizavam da aplicação para responder e tiveram de instalar, o que causou algum transtorno, ou não tinham telemóvel para o fazer. Contudo, rapidamente, resolvi o assunto, e os alunos que não

dispunham de smartphone com a aplicação, juntaram-se com alunos que sim e todos começaram a resolver o questionário.



Figura 18 - Socrative utilizado numa aula de consolidação de conhecimentos.

Utilizei esta plataforma para realizar um questionário de consolidação de conhecimentos, pois os alunos na aula seguinte iriam ter o momento de avaliação com a professora cooperante. No final de todos responderem ao questionário, foi disponibilizada a grelha de respostas certas e erradas de cada um dos alunos/grupos de alunos, colocando-os numa espécie de pódio. Foram analisadas todas as respostas, esclarecendo os alunos sobre as suas dúvidas.

Posteriormente, os alunos procederam a realização de fichas do caderno de atividades, tendo em conta as questões previamente resolvidas, ou seja, iriam resolver o que não estivesse resolvido. Procedi à correção das perguntas resolvidas pelos alunos, questionando se haveria dúvidas, ou questões relativas ao teste de avaliação.

Capítulo VI– Análise dos dados recolhidos

Neste quinto capítulo deste relatório pretende-se apresentar a análise dos dados recolhidos ao longo da prática pedagógica no 1º ciclo e no 2º ciclo do Ensino Básico. Durante o estágio, as atividades implementadas foram avaliadas de diferentes formas, desde tabelas de observação direta a inquéritos. Estes últimos permitiram retirar conclusões com uma maior clareza e precisão. Efetivamente, no final de cada Visita de Estudo Virtual aplicou-se um inquérito aos alunos com o objetivo de descobrir a sua opinião sobre a pertinência da utilização das tecnologias, nomeadamente as VEV, em sala de aula. Este instrumento de recolha de dados revelou-se essencial na compreensão das perceções dos alunos dos dois ciclos de estudo em análise.

6.1. Análise dos dados do 1º ciclo do Ensino Básico

Relativamente aos dados do 1º ciclo do Ensino Básico, devido ao facto de considerar que não era pertinente a realização de inquéritos no 3º ano de escolaridade devido à pouca idade dos alunos e à escassez de tempo disponível para tal, apenas foram recolhidos dados através de tabelas de observação direta, através das fichas de trabalho realizadas, do *Kahoot* realizado e em conversação sobre os alunos no final de cada atividade. Posto isto, apresento em seguida uma tabela de observação direta (tabela 2).

Tabela 2 - Tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 3º ano

Aspetos a avaliar							
Curiosidade, interesse, empenho e motivação		Atenção às explicações do professor		Respeito pelas regras definidas para a visita		Formulação de questões pertinentes	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
22	0	20	2	22	0	17	5

Através da análise da tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 3º ano de escolaridade, podemos concluir que a maior parte dos alunos demonstrou ter curiosidade e interesse na visita apresentada bem como empenho e motivação durante a mesma. Para além disso, todos os alunos cumpriram as regras definidas para a visita, fazendo algumas questões pertinentes durante a mesma.

Relativamente às fichas de trabalho, foram aplicadas três fichas ao longo das intervenções feitas. A primeira ficha foi feita na intervenção na área do Português, no dia dezassete de janeiro de dois mil e vinte e dois, com interligação com o tema principal “O comércio”, nomeadamente após a leitura do texto “Gestos simples para poupar nas compras” disponível no manual escolar. A segunda ficha foi feita na intervenção na área de Estudo do Meio, no dia dezoito de janeiro de dois mil e vinte e dois, após a apresentação do PowerPoint “O comércio”, onde foi iniciada a abordagem da matéria. A ficha foi realizada com a intenção de compreender se os alunos perceberam o que tínhamos acabado de abordar, podendo também consolidar conhecimentos. A terceira ficha foi feita na intervenção na área de Matemática, no dia vinte de janeiro de dois mil e vinte e dois, em correlação com o tema principal e, após a visualização de um vídeo que elucidou os alunos para a boa utilização do dinheiro, lembrando-os do nosso sistema monetário.

Ao longo da realização das fichas, foi-se percorrendo os lugares dos alunos para perceber com os alunos quais as suas dúvidas e dificuldades. A correção das fichas de trabalho foi feita em grande grupo, sendo a ficha projetada no quadro interativo e à medida que as perguntas eram lidas, foi solicitado aos alunos que partilhassem as suas respostas.

Também foi utilizada a aplicação *Kahoot*, dando-a a conhecer aos alunos que demonstraram muito interesse em saber de que forma se podia utilizar a mesma. Esta aplicação foi utilizada no dia dezanove de janeiro de dois mil e vinte e dois, após o *PowerPoint* da Visita de Estudo Virtual pelo comércio da Trofa. Esta atividade foi realizada em grupo turma no quadro interativo e os alunos demonstraram interesse em repetir a atividade. Esta aplicação teria sido melhor executada caso os alunos tivessem disponíveis recursos como tablets ou computadores portáteis para que cada aluno pudesse dar a sua resposta, sabendo assim as respostas individuais.

Atendendo aos vários instrumentos de recolha de informação (tabelas de observação direta, fichas de trabalho e *Kahoot*) é possível concluir que a visita de estudo virtual realizada pelo comércio local da Trofa

se adequou ao ano de escolaridade em questão e, ainda, as fichas de trabalho propostas relacionadas com o tema, permitindo desenvolver competências nos alunos, nomeadamente, as relacionadas com o conteúdo “Comércio Local”.

Faz-se um balanço positivo da atividade tendo em conta as respostas dadas pelos alunos nas fichas de trabalho e tendo por base os dados analisados, é possível afirmar que a visita de estudo virtual foi uma boa ferramenta que contribuiu para cativar o interesse e a motivação dos alunos para o conteúdo programático explorado.

6.2. Análise dos dados do 2º ciclo do Ensino Básico

Com o intuito de recolher a opinião dos alunos sobre as visitas de estudo virtuais implementadas nos dois anos de escolaridade deste ciclo, em História e Geografia de Portugal, foram aplicados dois inquéritos por turma, nomeadamente, um inquérito de avaliação de conhecimentos e um inquérito de avaliação da visita. Devido ao facto de as doze horas de intervenção terem sido divididas igualmente pelo 5º e 6º ano de escolaridade, nesta secção serão analisadas as respostas dos alunos destas turmas aos inquéritos. Para além disso, foi feita uma grelha de observação direta para cada ano de escolaridade.

Através da análise da tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 5º ano de escolaridade (tabela 3), podemos concluir que a maior parte dos alunos demonstrou ter curiosidade e interesse na visita apresentada e empenho e motivação durante a mesma. Para além disso, todos os alunos cumpriram as regras definidas para a visita, fazendo algumas questões pertinentes durante a mesma.

Tabela 3 - Tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 5º ano

Aspetos a avaliar							
Curiosidade, interesse, empenho e motivação		Atenção às explicações do professor		Respeito pelas regras definidas para a visita		Formulação de questões pertinentes	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
27	0	23	4	27	0	20	7

Os inquéritos aplicados à turma de 5º ano de escolaridade foram aplicados no dia trinta e um de março de dois mil e vinte e dois. Devido ao facto de o tema da visita de estudo se relacionar com a

matéria que tinha acabado de ser lecionada pela professora cooperante nas aulas anteriores, a VEV foi feita na minha primeira intervenção realizada na turma. Após a realização da visita foram entregues aos alunos dois questionários, um questionário de avaliação de conhecimentos e um questionário de avaliação da visita. A ambos os questionários, responderam vinte e sete alunos, quinze raparigas e doze rapazes. Contudo, um aluno não completou ambos os questionários, o que não nos permitiu a sua contabilização nas respostas finais da turma.

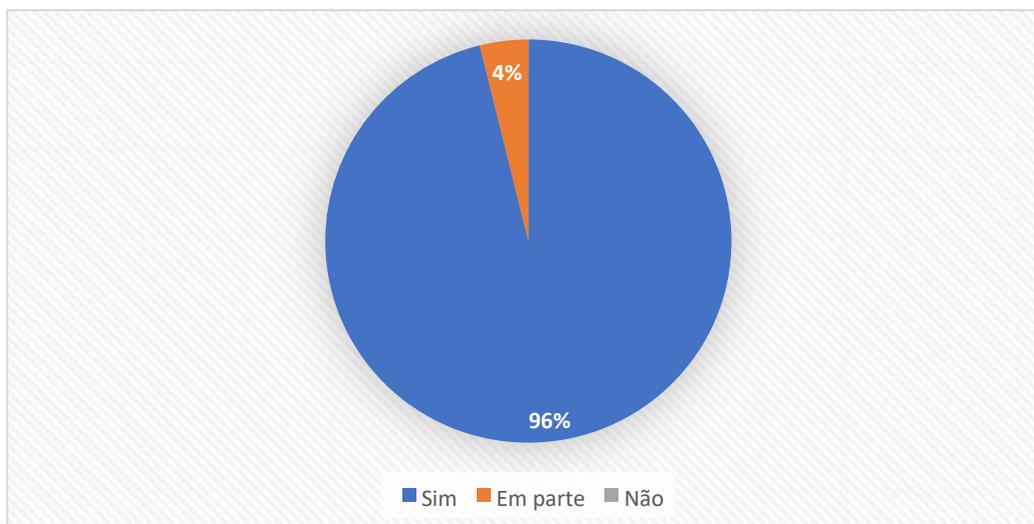
Relativamente ao questionário de avaliação de conhecimentos, a maioria dos alunos conseguiu responder às questões acertadamente, concluindo-se assim que a maioria entendeu o que foi abordado durante a visita e, também, que já detinha conhecimentos sobre o tema.

Na primeira questão pedia-se para identificar as várias áreas do Castelo de Guimarães, de acordo com o esquema apresentado; na segunda questão perguntava-se quem tinha sido D. Afonso Henriques; na terceira questão perguntava-se porque é que D. Afonso Henriques estava relacionado com a fundação da nacionalidade; na quarta questão perguntava-se quem tinham sido os condes D. Henrique e D. Teresa; na quinta questão perguntava-se de que condado eram condes, na sexta questão perguntava-se o que era a torre de menagem de um castelo; na sétima questão perguntava-se que forças tinham estado frente a frente na batalha de S. Mamede; na oitava questão perguntava-se quem tinha saído vencedor dessa batalha; na nona questão perguntava-se quais foram as consequências da vitória para a fundação do Reino de Portugal e a última questão perguntava que acontecimento importante tinha acontecido na igreja que aparecia na visita.

Relativamente ao questionário de avaliação da visita, sendo este o mais importante para perceber a pertinência da realização das Visitas de Estudo Virtuais, apenas vinte e seis alunos responderam ao questionário completamente.

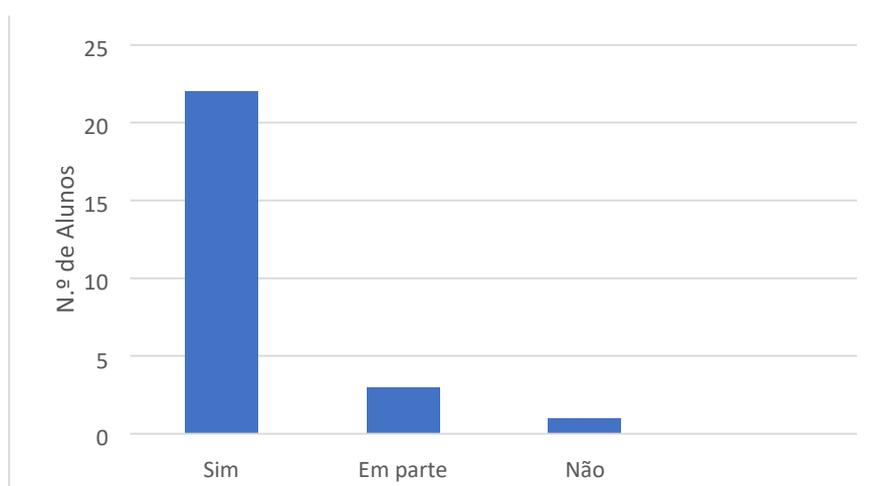
Na primeira questão “Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães?”, vinte e cinco alunos responderam “Sim” e apenas um respondeu “Em parte”. Nenhum aluno respondeu que não gostou. Para uma melhor análise, apresento o seguinte gráfico (gráfico 1):

Gráfico 1 - Respostas à questão "Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães?"



Na segunda questão "A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?", vinte e dois alunos responderam "Sim", três alunos responderam "Em parte" sendo que um justificou que preferia que a visita tivesse sido feita no próprio Castelo, outro justificou que se esquecia ao longo da visita das coisas que foram faladas e outro justificou que era por ser projetado, e um aluno respondeu "Não" justificando que era melhor que fosse ao vivo. Para uma melhor análise, apresento o seguinte gráfico (gráfico 2):

Gráfico 2 - Respostas à questão "A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?"



Na terceira questão "O que aprendeste através da realização da visita de estudo virtual?", verificaram-se diferentes respostas. A maioria dos alunos respondeu que aprendeu quais eram as partes

constituintes do castelo e para o que serviam, que aprendeu quem tinha sido a fundadora do Castelo de Guimarães e quais as táticas de defesa utilizadas. Tendo por base essas respostas, destacam-se as seguintes respostas dos alunos:

“Eu aprendi mais sobre este castelo que foi tão importante na história de Portugal” – Resposta da aluna A.

“Aprendi como era o castelo por dentro e por fora, e como era utilizado” – Resposta da aluna B.

“As diversas partes do castelo, os seus nomes e para que eram usadas” – Resposta da aluna C.

“Aprendi sobre os instrumentos de defesa, sobre as estratégias de defesa, etc” – Resposta do aluno D.

“O que aprendi foi como eles protegem o castelo” – Resposta da aluna E.

Na quarta questão “Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao realizar a visita de estudo virtual?”, vinte alunos responderam que não tiveram dificuldades durante a visita, três alunos responderam que tiveram dificuldade em identificar as partes do castelo, dois alunos tiveram dificuldades em ver as imagens devido à distância para o quadro e um aluno respondeu que teve dificuldade em estar com atenção. Tendo em conta as respostas dos alunos, destacam-se as seguintes:

“Eu não senti nenhuma dificuldade pois a professora explicou muito bem e eu entendi tudo o que a professora disse. E a ajuda do PowerPoint ajudou-me muito” – Resposta da aluna F

“Não senti nenhuma dificuldade” – Resposta da aluna G

“Ao decorar os nomes de algumas coisas” – Resposta do aluno H

Na quinta questão “O que mais gostaste na visita de estudo virtual? E o que menos gostaste?”, treze alunos responderam que gostaram de tudo, sete alunos responderam que gostaram de saber como era o castelo, um aluno respondeu que gostou das imagens da apresentação do castelo, um aluno respondeu que gostou de saber sobre a ponte levadiça, um aluno respondeu que gostou da ficha e dois alunos gostaram de ter tido uma nova forma de aprender. Na mesma questão na parte “E o que menos gostaste?” apenas cinco alunos responderam, e disseram que não gostaram de saber que a ponte levadiça já não se ergue, não gostaram de não ser na vida real, não gostaram de não conseguir identificar as partes do castelo e não gostaram de saber onde tinha sido batizado D. Afonso Henriques.

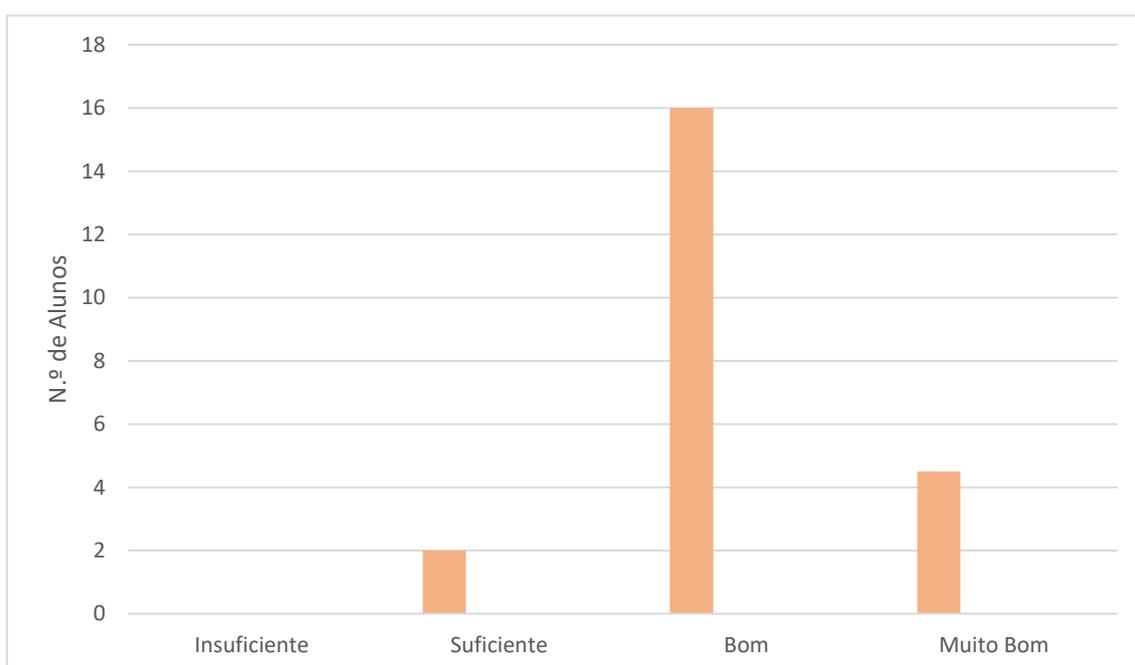
Tendo em conta as respostas, passo a citar alguns exemplos:

“Gostei de tudo” – Resposta da aluna I

“O que mais gostei foi a ficha e o que menos gostei foi praticamente nada” – Resposta da aluna J

Na sexta questão “Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual” tendo como possíveis respostas “Insuficiente”, “Suficiente”, “Bom”, “Muito bom”, dois alunos responderam “Suficiente”, dezasseis alunos responderam “Bom” e oito alunos responderam “Muito bom” (gráfico 3).

Gráfico 3 - Resultados à questão “Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual”



Através da análise da tabela de observação direta da visita de estudo virtual realizada na turma do 6º ano de escolaridade (tabela 4), podemos concluir que a maior parte dos alunos demonstrou ter curiosidade e interesse na visita apresentada e empenho e motivação durante a mesma. Para além disso, todos os alunos cumpriram as regras definidas para a visita, fazendo algumas questões pertinentes durante a mesma.

Tabela 4 - Tabela de observação direta da visita de estudo virtual realização na turma do 6º ano

Aspetos a avaliar							
Curiosidade, interesse, empenho e motivação		Atenção às explicações do professor		Respeito pelas regras definidas para a visita		Formulação de questões pertinentes	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
18	2	17	3	20	0	12	8

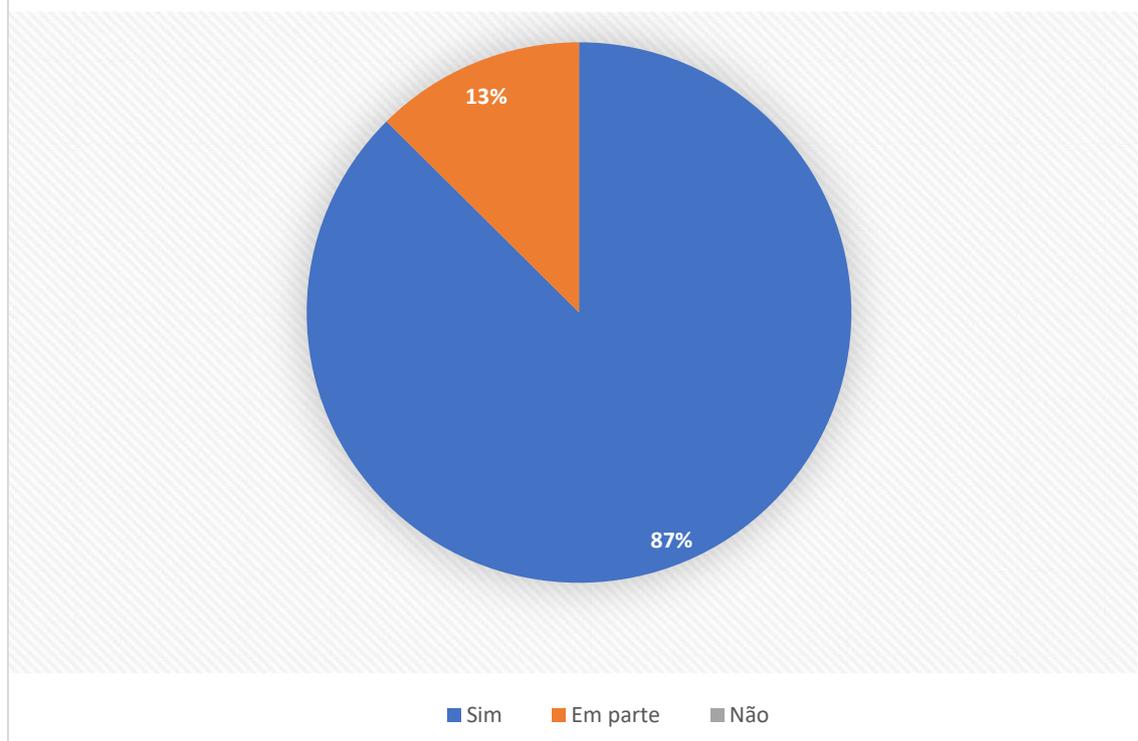
O inquérito aplicado à turma de 6º ano de escolaridade foi aplicado no dia catorze de março de dois mil e vinte e dois, na minha quinta aula de intervenção na turma. Tal como na turma do 5º ano de escolaridade, após a VEV, foram entregues aos alunos dois questionários, um questionário de avaliação de conhecimentos e um questionário de avaliação da visita. A ambos os questionários responderam dezoito alunos sendo onze raparigas e sete rapazes. A esta aula faltaram dois alunos e, para além disso, dois alunos não responderam ao questionário completamente, portanto apenas dezasseis alunos responderam.

Relativamente ao questionário de avaliação de conhecimentos, a maioria dos alunos conseguiu responder às questões acertadamente, concluindo-se assim que a maioria entendeu o que estava a ser abordado e já detinha conhecimentos sobre o tema. Este continha seis questões, onde na primeira questão, questionava-se em que ano tinha sido inaugurado o Museu do Aljube; na segunda questão, questionava-se qual o período apresentado no museu em questão; na terceira pergunta, questionava-se qual o nome da polícia política criada em 1945 e qual o significado da sua sigla; na quarta pergunta, questionava-se quais as fases de detenção dos presos políticos; na quinta pergunta questionava-se de que forma terminava a exposição permanente que tinha sido apresentada durante a visita e na sexta pergunta, questionava-se qual o significado dos cravos vermelhos.

Posteriormente, os alunos responderam ao questionário de avaliação da visita, sendo este o mais importante para perceber a pertinência da realização das Visitas de Estudo Virtuais.

Na primeira questão “Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Museu do Aljube?” catorze alunos responderam “Sim” e dois alunos responderam “Em parte”. Nenhum aluno respondeu que não gostou. Para uma melhor análise, apresento o seguinte gráfico (gráfico 4):

Gráfico 4 - Resultados à questão "Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Museu do Aljube?"



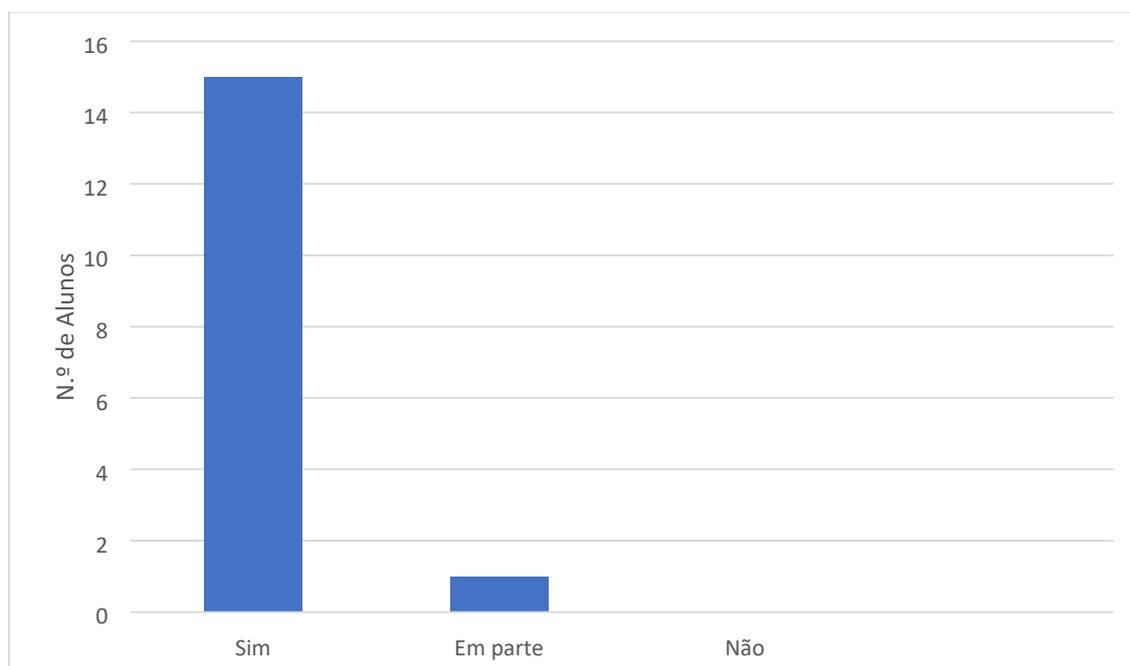
Na segunda questão "A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?" quinze alunos responderam "Sim", sendo que uns justificaram que era uma boa forma de aprender sobre os antepassados e os monumentos históricos, outros disseram que também se aprende mais porque neste momento não se pode ver na vida real e desta forma, tem-se uma aula diferente e dinâmica e um aluno respondeu "Em parte" sem justificação (gráfico 5). Tendo em conta as respostas a justificar, destacam-se as seguintes:

"Porque ficamos a conhecer mais" – Resposta da aluna K

"Pois podemos conhecer antepassados e saber mais sobre os conhecimentos e monumentos históricos" – Resposta da aluna L

"Porque se aprende mais aqui, não podemos ver em real, melhor ver em virtual" – Resposta aluna M

Gráfico 5 - Respostas à questão "A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?"



Na terceira questão "O que aprendeste através da realização desta visita de estudo virtual?", as respostas focaram-se no facto de terem conhecido coisas novas sobre o tema, em descobrir o que realmente aconteceu na época e em descobrir que aquele museu tinha sido uma prisão. Tendo por base as respostas, destacam-se as seguintes:

"Porque ajudou-me a descobrir o que aconteceu no tempo de Salazar" – Resposta do aluno N

"Que o museu já foi uma prisão" – Resposta aluno O

Na quarta questão "Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao realizar a visita de estudo virtual?", quinze alunos responderam que não tiveram dificuldades durante a visita e um aluno respondeu que sentiu dificuldade em ouvir falar em muitas mortes.

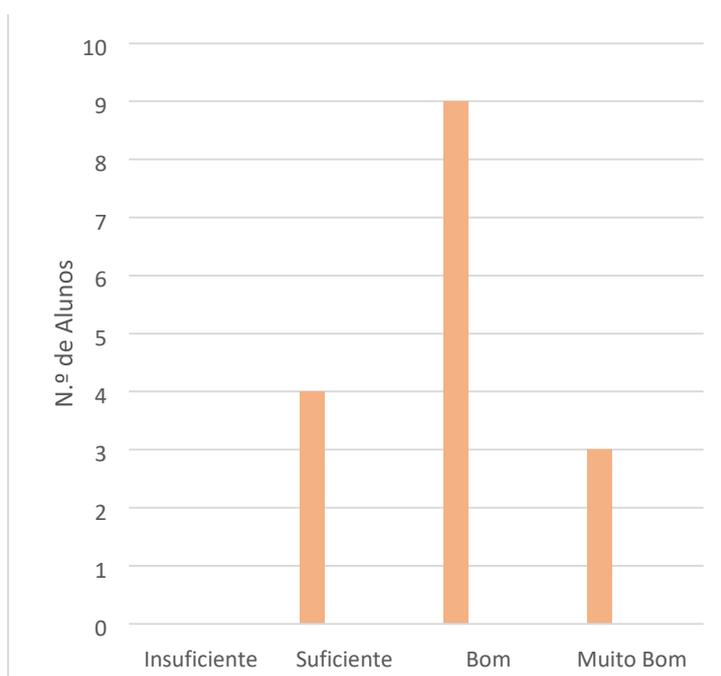
Na quinta questão "Sentiste dificuldade na compreensão da guia desta visita devido ao facto de falar português do Brasil?", quatro alunos responderam "Sim" e doze alunos responderam "Não".

Na sexta questão "O que mais gostaste na visita de estudo virtual?", catorze alunos responderam que gostaram de tudo e dois alunos responderam que gostaram de conhecer a prisão.

Na sétima pergunta “E o que menos gostaste?”, os alunos que responderam à mesma, responderam que gostaram de tudo.

Na última pergunta “Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual” tendo como possíveis respostas “Insuficiente”, “Suficiente”, “Bom”, “Muito bom”, quatro alunos responderam “Suficiente”, nove alunos responderam “Bom” e três alunos responderam “Muito bom” (gráfico 6).

Gráfico 6 - Respostas à questão “Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual”



Tendo por base os instrumentos de recolha de informação utilizados, como é o caso dos inquéritos aplicados no 2º ciclo do Ensino Básico, constata-se que as opiniões de ambas as turmas onde foram feitas as VEV, são unânimes, verificando-se que, no geral, os alunos consideram que as visitas de estudo virtuais são uma boa forma de aprender História e Geografia de Portugal, contribuindo para o desenvolvimento de competências e das Aprendizagens Essenciais da disciplina.

Além disso, conclui-se que, na sua maioria, os alunos destas duas turmas demonstraram interesse nas visitas efetuadas e afirmaram terem gostado das mesmas. Assim, é possível afirmar que as novas tecnologias podem contribuir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem em História e Geografia de Portugal, considerando nomeadamente as VEV como uma contribuição para a motivação dos alunos na sala de aula.

Capítulo VII – Conclusões finais, limitações e recomendações

O estágio desenvolvido tanto no 1º ciclo como no 2º ciclo do Ensino Básico revelou-se enriquecedor a nível académico na medida em que, não só foi possível observar as diferentes estratégias de ensino adotadas pelas professoras cooperantes, bem como as necessidades existentes no ensino público. Além disso, este também se traduziu numa experiência gratificante no campo pessoal, já que permitiu a exploração de algumas competências, como o espírito crítico e criativo no momento de planificação das aulas e a aquisição de ferramentas que se acredita que serão muito úteis futuramente.

As atividades planificadas no âmbito do Projeto de Intervenção basearam-se na utilização de visitas de estudo virtuais, bem como várias ferramentas tecnológicas, como forma de mostrar que o ensino pode assumir um carácter inovador e lúdico, com o intuito de captar a atenção dos alunos. Assim, defende-se que as VEV não servem apenas para substituir as VE tradicionais, mas também como uma estratégia polivalente onde o professor tem a possibilidade de criar as suas próprias ferramentas e materiais de ensino, podendo adaptar o currículo às necessidades e interesses dos alunos.

Na realização da prática pedagógica recorreu-se a alguns instrumentos de recolha de informação, mais especificamente, a inquéritos, que foram aplicados nas diferentes turmas e a grelhas de observação direta, que permitiram uma análise de dados mais rigorosa e fundamentada. Tendo em consideração os resultados obtidos com os instrumentos mencionados, pode-se concluir que as visitas de estudo virtuais constituíram uma estratégia cativante e motivadora para os alunos do 1º ciclo e do 2º ciclo do Ensino Básico, possibilitando, assim, a aprendizagem e a consolidação de saberes. Efetivamente, os alunos mostraram-se recetivos e empenhados na realização das visitas de estudo virtuais.

O entusiasmo dos discentes na utilização das TIC, nomeadamente, na realização de VEV, foi visível e comprovou que estas podem ter lugar no ensino, desempenhando um papel importante para o mesmo. Muitos dos alunos do 1º ciclo e do 2º ciclo do Ensino Básico afirmaram, inclusive, estarem ansiosos para a realização de atividades na aplicação *Kahoot* e para a visita de estudo que, passo a citar, foi caracterizada pelos alunos como “muito diferente e divertida”.

No que respeita aos objetivos estabelecidos neste documento, considera-se que os mesmos foram alcançados. Assim, torna-se possível responder às questões-investigação previamente traçadas:

1ª- “De que modo a realização de Visitas de Estudo Virtuais contribui para a motivação dos alunos na aprendizagem de conteúdos relacionados com o Estudo do Meio e com a História e

Geografia de Portugal?” – Através dos dados recolhidos e analisados das tabelas de observação direta e dos inquéritos realizados tanto no 1º ciclo como no 2º ciclo do Ensino Básico conclui-se que os alunos se demonstraram interessados, empenhados e motivados no momento da realização das visitas de estudo virtuais realizadas. Para além disso, no geral, verifica-se que os alunos afirmaram terem colocado em prática os saberes adquiridos e confirmaram que as visitas de estudo virtuais são uma boa forma de aprender os conteúdos programáticos.

2ª- “De que forma as TIC podem contribuir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem em Estudo do Meio e História e Geografia de Portugal?” - Recorrendo às anotações registadas durante os momentos de observação direta, constata-se que o uso das TIC era uma constante na sala de aula. Efetivamente, a professora orientadora cooperante do 1º ciclo utilizava bastantes vezes o computador, o projetor e o quadro interativo para realizar atividades, projetar o manual ou até mesmo ver vídeos sobre um determinado tópico. Também a professora orientadora cooperante do 2º ciclo recorria às tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente, para projetar o manual ou para visualizar vídeos da “Escola Virtual” e documentários. Assim, retira-se a ilação de que os alunos do 1º ciclo e do 2º ciclo do Ensino Básico estavam habituados à utilização das TIC enquanto recurso de aprendizagem, pelo que se pode depreender que estas também foram importantes na realização das visitas de estudo virtuais e das atividades de consolidação dos conteúdos programáticos, nomeadamente com o uso do *Socrative* e do *Kahoot*, na medida em que permitiram aos alunos o uso de ferramentas diversificadas para a consolidação das matérias.

No tópico das limitações destaca-se, primeiramente, a mudança de local de estágio. Inicialmente contava-se estagiar na Escola Conde São Cosme, pertencente ao Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco. Por incompatibilidade com a Escola, foi-nos alterado o local de estágio e, por isso, provou alguma apreensão e ansiedade, devido à incerteza sentida.

Ainda no seguimento das dificuldades encontradas na realização da prática pedagógica salienta-se a gestão do tempo, que se relevou um problema, principalmente, no 2º ciclo do Ensino Básico. Este ciclo de ensino apresentava um horário mais complicado que não podia ser alterado, contrariamente ao 1º ciclo do Ensino Básico, tendo sido por vezes complicado planificar tarefas interessantes que fossem possível colocar em prática no tempo estipulado para cada aula (50 minutos). Para além disso, pretendia-se implementar atividades de pesquisa que, não só devido ao tempo não foram possíveis de realizar, mas também devido à falta de ferramentas tecnológicas de pesquisa, como o computador, para o trabalho em grupos.

Outra dificuldade sentida prende-se com a questão da escolha dos locais das visitas de estudo virtuais a realizar.

Por fim, também a Covid-19 constitui um constrangimento ao bom funcionamento das aulas, nomeadamente, no uso da máscara a tempo inteiro no 1º ciclo do Ensino Básico e, numa fase inicial, no 2º ciclo. O uso da máscara constituiu uma barreira, nomeadamente, nos momentos de interação com os alunos. Felizmente, mais tarde, foi possível lecionar algumas aulas sem máscara, quando foi levantada a obrigatoriedade do uso da mesma nas escolas. Assim, verificaram-se algumas diferenças, sobretudo, na transmissão da mensagem que foi feita de forma mais clara e “limpa”.

No âmbito das recomendações, considera-se importante deixar-se uma sobre o plano de estudos do mestrado. Acredita-se que o segundo ano de mestrado deveria de ser dedicado exclusivamente ao estágio, para assim se tirar um maior proveito do mesmo. O facto de serem exigidos vários trabalhos para as diferentes unidades curriculares, em simultâneo com a prática supervisionada, torna difícil a tarefa de gestão do tempo.

Considero que tanto no 1º ciclo como no 2º ciclo do Ensino Básico, consegui cumprir com os objetivos propostos no Projeto. Neste sentido, conclui-se que este projeto revela que o recurso a Visitas de Estudo Virtuais, é um impulsionador de boas práticas pedagógicas no processo de ensino aprendizagem. O projeto revelou-se integrador, sendo que relaciona distintos domínios do saber, como o Estudo do Meio e a História e Geografia de Portugal, e as T.I.C, ampliando desta forma as oportunidades de os alunos desenvolverem a construção do seu conhecimento.

Assim, enfatizo que este projeto me enriqueceu a nível pessoal, profissional e social, pelo motivo de possuir professoras cooperantes e uma orientadora que foram incansáveis no auxílio que me prestaram, apoiando as minhas decisões e ideias, dando sugestões de como as melhorar, auxiliando-me sempre que necessário.

Para finalizar, reflito que esta experiência foi impactante na minha vida, fazendo-me perceber como podemos direcionar a prática para o aluno, sendo ele o principal construtor de conhecimento. Percebeu-se que é importante estabelecer uma relação boa com os alunos, baseada no sentimento de confiança e respeito mútuo. Vou, também, sempre recordar aqueles que me apoiaram e me ajudaram a obter mais conhecimento para que, no futuro, possa ser uma melhor docente, não esquecendo dos meus alunos que tanto me ensinaram.

Referências Bibliográficas

Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo: Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Botelho, A., & Chagas, I. (2004). O Processo de Implementação de uma visita de estudo virtual à Reserva Natural das Berlengas. In *Itinerários - Investigar em Educação*, (pp13-30). Lisboa: Universidade de Lisboa.

Botelho, A., & Chagas, I. (2004). *Visitas de estudo virtuais: Efeitos no processo de Ensino Aprendizagem das Ciências Naturais*. In J. Pérez, J. Pulido, M. Rodriguez, B. Manjón, & J. Rodriguez (eds.), *Avances en Informática Educativa* (pp54-58). Cáceres: Universidade da Estremadura.

Çaliskana, O. (2011). Virtual field trips in education of earth and environmental sciences. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 15, 3239–3243.

Carvalho, C. (2012). *Visitas de Estudo Virtuais: contributos para uma outra aprendizagem da História na era da sociedade da informação (Tese)*. Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Costa, F., Marques, A. *História e Geografia de Portugal 5*. Porto: Porto Editora, 2021

Cox, S., & Su, T. (2004). Integrating student learning with with Practitioner Experiences via Virtual Field Trips. *Journal of Educational Media*, 29 (2), 113-123.

Ferreira, C. (2015) - “App(lica-te)”: As aplicações móveis como suporte às visitas de estudo. [Relatório de Mestrado], Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jonassen, D., Howland, J., Moore, J., & Marra, R. (2003). *Learning to Solve Problems with Technology: A Constructivist Perspective*. New Jersey: Pearson Education.

Kiesel, J. (2005). Understanding elementary teacher motivations for science fieldtrips. *Science Education*, 89, 936-955.

Klemm, B., & Tuthill, G. (2003). Virtual Field Trips: Best Practices. *International Journal of Instructional Media*, 30 (2), 177-193.

Lima, E., Barrigão, N., Pedroso, N., Rocha, V. *Alfa Estudo do Meio 3*. 1ª edição. Porto: Porto Editora, 2018

Melo de Oliveira, A., Gerevini, A., e Strohschoen, A. (2017). Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 10 (22), pp. 119-132. <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i22.6429>

Miranda, G. (2007) - Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo – Revista de Ciências da Educação*, 3, 41-50.

Monteiro, M. (1995). Intercâmbios e Visitas de Estudo, in A. Carvalho & J. Marques (orgs.), *Novas Metodologias em Educação* (pp171-196). Porto: Porto Editora.

Oliveira da Fonseca, K. (2012). Investigação- ação: uma metodologia para prática e reflexão docente. *Revista Onis Ciência*, 1 (2), pp. 16-31. <https://revistaonisciencia.com/resumo-e-abstract-e202/>

Paixão, M., Jorge, F., & Martins, H. (2012). Uma atividade criativa com luz e sombra no 1º Ciclo do Ensino Básico. *Indagatio Didactica*, 4 (1), 203-225.

Pereira, R., Brilha, J., & Dias G. (2000). *Percursos Virtuais no Parque Nacional da Peneda-Gerês um contributo para o Ensino das Ciências da Terra*. Braga: Universidade do Minho.

Pinto, T. (2015) - A visita de estudo virtual como estratégia pedagógica – uma experiência no 1.º Ciclo do Ensino Básico. [Relatório de Mestrado], Porto, Politécnico do Porto – ESE.

Qiu, W., & Hubble, T. (2002). The advantages and disadvantages of virtual field trips in geoscience education. *The China Papers*, 75-79.

Reis, C. (2010). *Visitas de Estudo Virtuais (Tese)*. Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Santos, A., Cirne, J., Henriques, M. *Novo Viagens no Tempo 6*. Porto: Areal Editores, 2021

Solé, G. (2014) *Educação Patrimonial: Novos Desafios Pedagógicos*. CIED: Universidade do Minho.

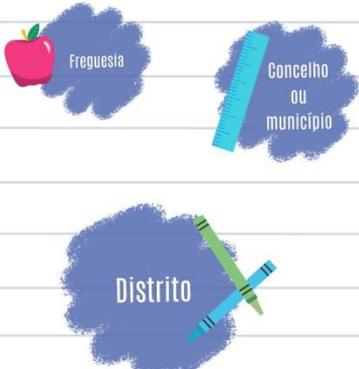
Stoddard, J. (2009). Toward a virtual field trip model for the social studies. *Contemporary Issues in Technology and Teacher Education*, 9 (4), 412-438.

Viseu, S. (2003) - Os alunos, a internet e a escola: contextos organizacionais, estratégias de utilização. Lisboa, Ministério da Educação.

Anexos

Anexo 1 – Prezi apresentado numa aula implementada na turma do 3º ano.

Distinguir freguesia, concelho e distrito



Freguesia

Concelho ou município

Distrito

Prezi

Freguesia

O que é?

Por quem é administrada?

Qual o poder da Junta de Freguesia?

Prezi

O que é?

É uma das divisões administrativas mais pequenas do país, podendo ser constituída por diversos lugares.



Legenda:

- 15 000 habitantes
- 2 000 habitantes
- 4 000 habitantes
- 3 000 habitantes
- 1 500 habitantes

Fonte: Censos 2011

Prezi

Qual o poder da Junta de Freguesia?

A Junta de Freguesia tem poder para resolver alguns problemas da freguesia: fazer pequenas obras nos espaços públicos, dar apoio às escolas e instituições, emitir documentos, como, por exemplo, certificados de residência.

Prezi

Por quem é administrada?

- Cada freguesia é administrada por um órgão de poder chamado **junta de freguesia**.

Prezi

Concelho ou município

O que é?

Por quem é administrado?

Qual o poder da **Câmara Municipal**?

Prezi

O que é?

É um conjunto de vários concelhos, próximos uns dos outros. Cada distrito tem a sua respetiva capital de distrito.

Prezi

Por quem é administrado?

— Cada concelho é administrado por um órgão de poder local chamado **Câmara Municipal**.

Prezi

Qual o poder da Câmara Municipal?

Prezi

A **Câmara Municipal** tem poder para resolver os problemas de todas as freguesias do concelho, como arranjar estradas e escolas, atribuir licenças de construção de edifícios, etc.

Distrito

O que é?

Quantos distritos existem em Portugal?

Prezi

O que é?

Prezi

É um conjunto de várias freguesias, próximas umas das outras. A sede do concelho situa-se numa vila ou numa cidade.

Quantos distritos existem em Portugal?

Prezi

Portugal é constituído por 18 distritos, cujas capitais de distrito são: Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Aveiro, Viseu, Guarda, Leiria, Castelo Branco, Santarém, Portalegre, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Faro.

A queda da 1ª República

Motivos:

- Instabilidade política (45 governos, 8 presidentes);
- Desordem social provocando greves, manifestações, assaltos;
- Crise económica devido à subida dos preços e do desemprego;
- Entrada de Portugal na 1ª Guerra Mundial;
- Descontentamento geral da população.



Golpe militar de 28 de maio de 1926

Chefiado pelo General Gomes da Costa e com início em Braga



Instauração da Ditadura Militar (1926-1933)

Medidas que foram tomadas:

- Greves e manifestações proibidas;
- Governos eram escolhidos pelos militares;
- Não existiam partidos políticos;
- Imprensa censurada e controlada;



Liberdades previstas na Constituição de 1911 suspensas

Anexo 3 - Ficha de Trabalho “Gestos simples para poupar nas compras”.

Agrupamento de Escolas da Trofa

Ficha de trabalho “Gestos simples para poupar nas compras”

Nome: _____ Ano: 3º ano

Data: ___/___/___ Escola Básica de _____

Compreensão do texto

1. Identifica a intenção do autor ao escrever este texto. Assinala com X a resposta mais adequada.

O autor pretende:

Dar conselhos para poupar energia com o uso dos aparelhos elétricos em casa.

Dar conselhos para poupar dinheiro ao fazer compras no supermercado.

Avisar as pessoas para não gastarem muito dinheiro.

2. Regista as ações que, segundo o autor, as pessoas devem fazer antes de entrar num supermercado.

a) _____

b) _____



3. Por que razão é que devemos ter os seguintes comportamentos quando precisamos de fazer compras no supermercado? Liga cada comportamento à sua razão.

- Fazer uma lista de produtos a comprar.
- Passar revista à despensa, frigorífico e congelador.
- Não fazer compras com fome.

- Por causa da tentação de comprar petiscos e guloseimas.
- Para ver se ainda há produtos guardados em casa.
- Para pensar comprar apenas os produtos de que realmente precisa.

4. Lê a seguinte frase do texto e atenta na palavra destacada: “A sensação de vazio no estômago é má conselheira, não só para a carteira como para a linha.”

No dicionário, para a palavra **linha** surgem os significados abaixo apresentados. Assinala com X aquele que te parece mais adequado ao sentido da palavra na frase do texto referida acima.

Traço contínuo

Fio

Beleza física; esbelleza

5. Numera as frases de acordo com a ordem do texto.

Verifica o que existe na despensa.

É mais difícil resistir à compra de guloseimas quando se está com fome.

Controle os seus gastos, fazendo a lista do que necessita antes de entrar no supermercado.

A variedade de produtos e a forma como estão colocados nas prateleiras levam-nos a comprar coisas de que não necessitamos.

Se fizer uma lista do que lhe faz falta, a sua atenção não se desvia para outros produtos.

Gramática

1. Escreve palavras da família e sublinha o radical correspondente. Segue exemplo.

Mercado → <u>mercado</u> nia	congelador → _____
Casa → _____	compra → _____
Fome → _____	produto → _____
Petiscos → _____	lista → _____

2. Coloca corretamente os acentos gráficos nas seguintes palavras:

água frigorífico elétrico casaca ma aquilo ólio

3. Circunda a sílaba tónica das palavras.

seções supermercado polícia caneta papel próprio poupar hábito

4. Complete o quadro de acordo com os exemplos.

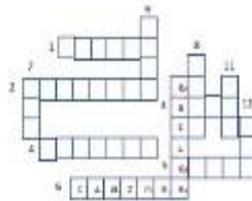
Palavra	Posição do acento tônico			Classificação do acento		
	antepenúltima	penúltima	última	oxitônico	gravis	aguda
caixa						
álbum						
coração						
figurino						
apresentação						
aparelho						
galatinina						
bebida						
café						
colômbico						
caixa						

5. Copie do texto palavras 5 em cada categoria que vê:

Monossilábica _____
 Dissilábica _____
 Trissilábica _____
 Polissilábica _____

6. Complete as palavras cruzadas.

- Horizontal:
- 1 - Masculino de caque
 - 2 - Feminino de príncipe
 - 3 - Masculino de celso
 - 4 - Feminino de duque
 - 5 - Masculino de heresia
 - 6 - Feminino de cantor
- Vertical:
- 7 - Masculino de mão
 - 8 - Feminino de lábio
 - 9 - Feminino de ateno
 - 10 - Feminino de zangão
 - 11 - Masculino de uelha
 - 12 - Masculino de vaca



Escrita

1. Preste atenção ao vídeo explicativo.

Elabore um **AVISO** para colócares na cozinha, lembrando aos teus pais os conselhos que o texto dá e ilustre de modo atrativo. Usa o espaço a seguir para rascunho da escrita do texto.

Anexo 4 - Ficha de trabalho “O comércio”.

Agrupamento de Escolas da Trofa
Ficha de trabalho “O comércio”

Nome: _____ Ano: 3º ano
Data: ___/___/___ Escola Básica de _____

1. Completa com as palavras que se encontram na caixa.

A compra e venda de produtos dá-se o nome de _____.

Antigamente, as pessoas _____ os bens que produziam pelos bens de que necessitavam.

Atualmente, trocam-se os produtos por _____. Para pagar as compras pode usar-se _____, _____ ou _____. Devemos pedir _____ pois serve de prova de compra, e o comerciante deve entregar-nos uma _____.

Deves ter consciência do _____ que o consumo _____ pode ter para a Natureza e para os outros _____.

- Cartão bancário**
- Recibo
 - Impacto
 - Excessivo
 - Cidadãos
 - Dinheiro 2x
 - Cheque
 - Fatura
 - Comércio
 - Trocavam

2. Identifica 3 características que distinguem o comércio tradicional do grande comércio.

3. Dá um exemplo de um local onde o comércio se realiza ao ar livre.

3.1. Faz uma lista de produtos que se vendem nesse local.



4. Descobre na sopa de letras o nome de 7 locais de comércio.

W	E	R	I	K	C	E	T	F	U	I	B	L	A
E	F	J	C	H	O	V	B	A	S	D	M	T	O
E	S	U	P	E	R	M	E	R	C	A	D	O	P
F	R	T	R	Q	T	S	F	M	R	E	Q	Z	M
N	X	G	F	E	H	B	J	A	F	O	F	X	E
H	I	P	E	R	M	E	R	C	A	D	O	F	R
J	V	K	I	G	A	V	K	I	G	H	J	L	C
A	R	S	R	P	L	R	P	A	D	A	R	I	A
S	A	P	A	T	A	R	I	A	K	U	C	Y	D
L	I	V	R	A	R	I	A	J	Q	I	V	E	O

4.1. Escolhe 3 locais que encontre e lista produtos que lá possas comprar.

_____	_____	_____
_____	_____	_____

5. Explica por palavras tuas a diferença entre exportação e importação.

6. Identifica os intervenientes do circuito comercial descrito e completa.

A Estelita e o Ulisses fazem a recolha de Dora Alice comprar fruta. Por sua vez, o Dora Alice compra a fruta no pomar do agricultor João, que é transportada pelo (Higienos) Transportes.

Produtor -
Consumidores -

Comerciante -
Transportadores -

7. Releciona os alimentos com os processos de conservação utilizados e escreve os seus nomes na tabela seguinte.



Congelação	Enlatamento	Pasteurização	Fumagem	Salga

7.1. Com que finalidade se criaram os processos de conservação de alimentos?

8. Quais são as informações que os produtos devem exibir obrigatoriamente?

9. Observa e responde:

Uma embalagem de pescada congelada contém as seguintes informações.



9.1. A data de validade já expirou?

- Se a tua resposta foi positiva, indica há quanto tempo expirou.

- Se a tua resposta foi negativa, indica quanto tempo falta para expirar.

9.2. O que contém a embalagem?

9.3. Este produto pode ser descongelado e voltar a ser congelado sem colocar em perigo a saúde de quem o digere?

Bom trabalho! 😊

Anexo 5 - PowerPoint "Um passeio virtual pelo comércio da Trofa".

Um passeio virtual pelo comércio da Trofa

Trofa

© 2014 CMC do VELOSO
facebook.com/museu1964

Quiosque do Pedro

O Quiosque Pedro situa-se no início da Rua Conde São Bento e a sua existência ronda os 40 anos. É um local que pertence à categoria de retalhistas e vende artigos como jornais, revistas, tabaco, entre outros.

Contraste

A loja Contraste situa-se na Rua Conde São Bento e a sua existência ronda os 25 anos. É um local que pertence à categoria de pronto-a-vestir e, por isso, vende vestuário, calçado e acessórios para senhora e para homem.

Ervanária Central

A Ervanária Central situa-se na Rua Conde São Bento e a sua existência ronda os 5 anos. É um local dedicado ao bem-estar e à medicina alternativa. Podemos usufruir de serviços como acupuntura, osteopatia, naturopatia, reflexologia, nutrição, teste de tolerância alimentar, entre outros.

Márcia Florista

A Márcia Florista situa-se na Rua Conde São Bento e a sua existência ronda os 15 anos. É um local que pertence à categoria de florista e faz arranjos florais para todo o tipo de eventos, decoração de igrejas, bouquets para noivas, ramos de flores naturais e artificiais e vende peças de decoração.

Ourivesaria Guerreiro

A Ourivesaria Guerreiro situa-se na Rua Conde São Bento e a sua existência ronda os 15 anos. É um local que pertence à categoria de loja de joias e relógios e, por isso, vende relógios, joias como brincos, pulseiras, colares de várias marcas.

Centro Comercial da Vinha

O Centro Comercial da Vinha tem uma das suas entradas situada na Rua Conde São Bento. No seu interior encontra-se lojas de roupa de criança, gabinetes de estética, escolas de música, lojas de artigos de desporto, entre outras.

Manuel Alves

A Manuel Alves situa-se na Rua Camilo Castelo Branco e pertence ao grupo Manuel Alves, outrora chamado Rosário Alves. É um local que pertence à categoria de sapataria e, portanto, vende calçado, acessórios como cintos, malas e carteiras.



Peixaria Flor do Mar

A peixaria Flor do Mar situa-se na rua Camilo Castelo Branco e a sua existência ronda os 30 anos. A peixaria vende peixe fresco.



Lirio Amarelo



A Padaria e Pastelaria Lirio Amarelo situa-se em frente à Alameda da Estação, na Rua Camilo Castelo Branco. A sua existência ronda os 30 anos e tem fabrico de pão, bolos, bolos de aniversário e cafetaria.



Novo Mundo



A Novo Mundo situa-se na Rua Monge Pedro e a sua existência ronda os 60 anos. A loja vende desde material de escritório, economato, papelaria e ferraria. Inicialmente dedicava-se eletrodomésticos, artigos para o lar, papelaria e brinquedos.



Casa Antunes



A Casa Antunes situa-se no Largo Costa Ferreira e a sua existência ronda os 60 anos. A loja vende eletrodomésticos, material elétrico, motores, bombas para rega. Faz montagens e reparações.



Alt4 Informática



A Alt4 Informática situa-se na Rua Armindo da Costa Azevedo e a sua existência ronda os 60 anos. A loja dedicada ao comércio e reparação de material informático, e mais recentemente com uma nova área de Papelaria.



Talho da Agra



O Talho da Agra situa-se na rua Poeta Cesário Verde e a sua existência ronda os 5 anos. No talho vende carne, charcutaria, frutas, legumes, mercearia e congelados.



Época da Fruta



A Época da Fruta situa-se na rua Armindo da Costa Azevedo e a sua existência ronda os 20 anos. Este local vende pão, charcutaria, fruta, legumes, produtos de limpeza.

Gostaram? Não se esqueçam de visitar o comércio da

Trofa!

Anexo 6 – Kahoot realizado como consolidação de conhecimentos da matéria lecionada.

O comércio é uma atividade que consiste na compra e venda de produtos.



10 Respostas

Verdadeiro Falso

O cartão bancário, o cheque e o dinheiro são formas de pagamento.



20 Respostas

Verdadeiro Falso

Qual o processo de conservação das salsichas?



20 Respostas

Fumagem Enlatamento
Congelação Salga

Em que rua está localizada a Ervanária Central?



30 Respostas

Rua Conde São Mateus Rua Camilo Castelo Branco
Rua Conde São Bento Rua Monge Pedro

Que local de comércio é ao ar livre?



29 Respostas

Centro comercial Merceria
Feira Frutaria

Qual o interveniente do circuito comercial que compra os produtos aos produtores para vender aos consumidores?



30 Respostas

Comprador Produtor
Consumidor Comerciante

Estiveram atentos ao Passeio Virtual pelo comércio da Trofa?

Vamos ver!

Qual o nome da loja que vende eletrodomésticos e faz montagens e reparações?



20 Respostas

Casa Oliva Casa Fernandes
Casa Nunes Casa Antunes

Que cor está presente no nome da Padaria e Pastelaria que foi apresentada?

30



2 Respostas

▲ Verde	◆ Roxo
● Laranja	■ Amarelo

Qual o nome da peixaria que foi apresentada no passeio?

20



2 Respostas

▲ Flor de Lis	◆ Flor do Mar
● Flor do Rio	■ Flor da Água

Qual o nome da florista que foi apresentada neste passeio?

30



3 Respostas

▲ Marcília	◆ Maria
● Marília	■ Márcia

Qual o nome do centro comercial mais conhecido da Trofa?

30



3 Respostas

▲ Centro Comercial da Vinha	◆ Centro Comercial do Vinho
● Centro Comercial da Uva	■ Centro Comercial da Trofa

Foi apresentada alguma papelaria neste passeio?

20



1 Resposta

◆ Verdadeiro	▲ Falso
--------------	---------

Anexo 7 - Ficha de trabalho “Adicionar e subtrair quantias de dinheiro”.

Nome: _____ Ano: 3º ano
 Data: ____/____/____ Escola Básica de _____ Tema: Dinheiro



Adicionar e subtrair quantias de dinheiro

1. Observa a ementa do restaurante onde o João foi almoçar. Observa também o talão da conta paga pelo João no fim da sua refeição.



- a) O que terá comido o João?

R: _____

- b) Por quanto ficou, no total, a refeição do João?

R: _____

- c) Se o João pagou a conta com uma nota de 20€, quanto recebeu de troco?

R: _____

- d) Escolhe, na ementa, uma refeição completa, que inclua sopa, um prato e uma sobremesa, e diz quanto pagarias por ela.

R: _____

2. Observa a fatura das compras feitas pela mãe da Teresa.

- a) Quanto falta ao azeite para custar 4€?

R: _____

- b) Quanto custariam 3 latas de tomate?

R: _____

- c) Se a mãe da Teresa pagar a despesa com uma nota de 10€, quanto receberá de troco?

R: _____

SUPERMERCADO	
Artigo	Euros
Azeite 1l	3,55
Tomate em lata	0,53
Sumo laranja 1l	1,29
Leite 1l	0,74
TOTAL: 6,11	

3. A Carochinha foi às compras de Natal e comprou os seguintes artigos.



a) Qual foi o artigo mais caro que a Carochinha comprou?

Res: _____

b) E o mais barato?

Res: _____

c) Qual a diferença de preço entre ambos?

Res: _____

d) Quanto dinheiro gastou a Carochinha na compra destes artigos?

Res: _____

e) Sabendo que a Carochinha pagou os artigos com 150 €, quanto recebeu de troco?

Res: _____

4. Observa o cartaz de uma agência de viagens.

a) Três pessoas querem viajar para Nova Iorque. Quanto custarão as viagens de ida e volta no total?



Res: _____

b) Quanto custa a mais o bilhete de ida para Nova Iorque em relação ao bilhete de volta?

Res: _____

5. Observa os anúncios.



a) O Sr. Diogo comprou um televisor a prestações. Quanto economizaria se tivesse comprado a pronto?

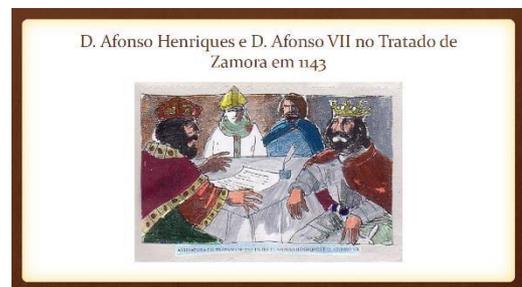
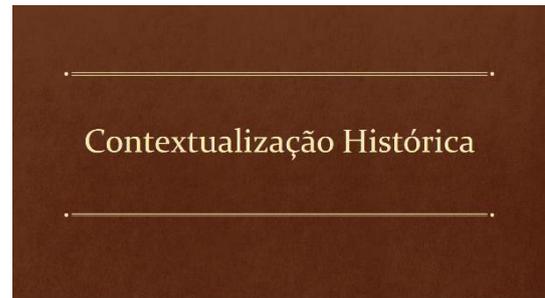
Res: _____

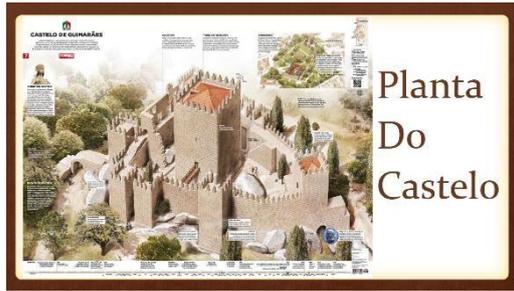
b) É mais vantajoso comprar o frigorífico a pronto ou em duas prestações? Porquê?

Res: _____

Bom trabalho!! 😊

Anexo 8 - PowerPoint “Visita de Estudo Virtual ao Castelo de Guimarães”





Planta Do Castelo

Curiosidades

- 1881 – Classificado, por decreto, como "Monumento Histórico de 1ª Classe", o único na região do Minho;
- 1910 – Classificado como Monumento Nacional;
- 1940 – Após o restauro, o castelo é inaugurado por ocasião da comemoração do VII centenário da fundação da nacionalidade;
- 2001 – O centro histórico de Guimarães passa a integrar a lista do Património Mundial da UNESCO.



Obrigada!



Anexo 9 - Questionário de avaliação de conhecimentos sobre a visita de estudo virtual.

Visita de Estudo

Castelo de Guimarães

Escola: _____ Data: _____
 Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____



O que podemos ficar a conhecer no Castelo de Guimarães?

«Lê com atenção todas as questões que te são colocadas e responde ao que é pedido.»

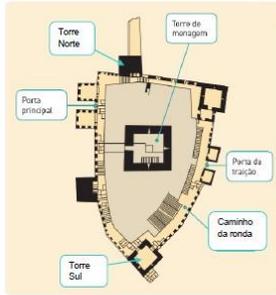


FIG. 1 Planta do Castelo de Guimarães



O Castelo de Guimarães encontra-se ligado à fundação do Condado Portucalense, às lutas pela independência de Portugal e à figura do fundador, D. Afonso Henriques.

De acordo com o esquema, identifica as várias áreas do Castelo de Guimarães.

Visita de Estudo

Castelo de Guimarães

1. Quem foi D. Afonso Henriques?

2. Porque é que D. Afonso Henriques está relacionado com a fundação da nacionalidade?



FIG. 2 D. Afonso Henriques

Entre finais do século XI e início do século XII, os condes D. Henrique e D. Teresa escolheram este castelo como local de residência. Foi construída a imponente torre de menagem e o perímetro defensivo foi alargado e reforçado construindo-se a porta central, a oeste, sobre a vila, e a chamada porta da traição, a leste.

3. Quem foram os condes D. Henrique e D. Teresa?



FIG. 3 D. Henrique e D. Teresa

4. De que condado eram condes?

5. O que é a torre de menagem de um castelo?



FIG. 4 Passagem para a torre de menagem

Visita de Estudo

Castelo de Guimarães

Terá sido dentro deste castelo que D. Afonso Henriques resistiu, em 1127, às forças de Afonso VII de Leão e terá sido no campo de S. Mamede, vizinho do castelo, que se terá travado a famosa Batalha de S. Mamede.

1. Que forças estiveram frente a frente na Batalha de S. Mamede?



FIG. 5 Castelo de Guimarães

2. Quem saiu vencedor dessa batalha?

3. Quais as consequências dessa vitória para a fundação do Reino de Portugal?

4. Próximo do Castelo de Guimarães localiza-se a Igreja de S. Miguel do Castelo. Segundo a lenda, que acontecimento importante ocorreu nesta igreja?



FIG. 6 Capela de S. Miguel do Castelo

Até à próxima viagem!



Anexo 10 - Questionário de avaliação da visita de estudo virtual.

Questionário de Avaliação da Visita

Este questionário tem como objetivo avaliar a visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães.
Agradeça que respondesses INDIVIDUALMENTE a todas as questões. É essencial que sejas sincero nas tuas respostas.

Nome: _____ Turma: _____

Data: ____/____/____ Ano letivo 2021/2022

1. Gostaste de participar na visita de estudo virtual ao Castelo de Guimarães?

Sim Em parte Não

2. A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?

Sim Em parte Não

Porquê? _____

3. O que aprendeste através da realização desta visita de estudo virtual?

4. Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao realizar a visita de estudo virtual?

5. O que mais gostaste na visita de estudo virtual? E o que menos gostaste?

6. Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual.

Insuficiente Suficiente Bom Muito bom

Obrigada pelas respostas!

Prof. Ana Rita Oliveira



A Constituição de 1933

Principais medidas:

- Existência de 4 órgãos de soberania (Presidente da República, Assembleia Nacional, Governo e Tribunais);
- A Assembleia Nacional deixa de poder nomear ou demitir o Presidente da República;
- O Governo passa a ser o órgão de soberania com mais poder, incluindo o de publicar leis;
- Existência de um partido único na Assembleia Nacional, onde só estariam representados os seus deputados, a União Nacional;

Salazar passa a controlar todos os ministérios e a governar Portugal de uma forma **autoritária e ditatorial**



Cartaz de propaganda à
Constituição de 1933.

Anexo 12 - Questionário de avaliação de conhecimentos da visita de estudo virtual.

VISITA DE ESTUDO VIRTUAL

Museu do Ajuibe

Escola: _____ Data: _____

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____



O que podemos ficar a conhecer no Museu do Ajuibe?



Fig. 1 Museu do Ajuibe, Lisboa

Conteúdo
sintetizar as principais características do Estado Novo, nomeadamente a ausência de liberdade individual, a existência da censura e de política política, a repressão do movimento sindical e a existência de um partido único;

Objetivos
• Desenvolver a capacidade de observação, análise e comunicação dos alunos;
• Sensibilizar para a preservação do património histórico-cultural.

Interdisciplinaridade
História
Português

Hoje, vamos conhecer o Museu do Ajuibe, situado em Lisboa.

Ajuibe é uma palavra de origem árabe, que significa poço ou sistema, sendo igualmente utilizada para designar prisão e, especialmente, prisão obscura e profunda.

O **Museu do Ajuibe** é dedicado à memória do combate à ditadura e à resistência dos que lutaram em defesa da liberdade e da democracia e situa-se na antiga prisão do Ajuibe, que funcionou como cárcere político do Estado Novo entre 1928 e 1965. O museu encontra-se dividido em 5 pisos, desde o -1 ao piso 3.

Para mais informações, consultar a página do Museu, disponível em:



• Agora que já terminou a visita, lê com atenção todas as questões e responde.

1 Em que ano foi inaugurado o Museu do Ajuibe?

2 Qual o período apresentado neste museu?



Fig. 2 Porta principal da antiga cadeia do Ajuibe

3 Qual o nome da política criada em 1945? Qual o significado da sua sigla?



Fig. 3 Apresentação dos presos políticos

4 Quais eram as fases de detenção dos presos políticos?

5 Como é que termina a exposição permanente do museu?



Fig. 4 Sala alvura ao 2º de abril de 1974

6 O que simbolizam os cravos vermelhos?

Espero que tenham gostado!



Anexo 13 - Questionário de avaliação da visita de estudo virtual.

Questionário de Avaliação da Visita

Este questionário tem como objetivo avaliar a visita de estudo virtual ao Museu do Aljube, Agência que responde às INDIVÍDUAMENTE a todas as questões. É essencial que seja sincero nas suas respostas.

Nome: _____ Turma: _____

Data: ____/____/____ Ano letivo 20221/2022

1. Gostaria de participar na visita de estudo virtual ao Museu do Aljube?

- Sim Em parte Não

2. A visita de estudo virtual pode ser uma boa forma de aprenderes História e Geografia de Portugal?

- Sim Em parte Não

Porquê? _____

3. O que aprendeste através da realização desta visita de estudo virtual?

4. Quais foram as maiores dificuldades que sentiste ao realizar a visita de estudo virtual?

5. Sentiste dificuldades na compreensão da guia desta visita devido ao facto de falar português do Brasil?

6. O que mais gostaste na visita de estudo virtual?

Questionário de Avaliação da Visita

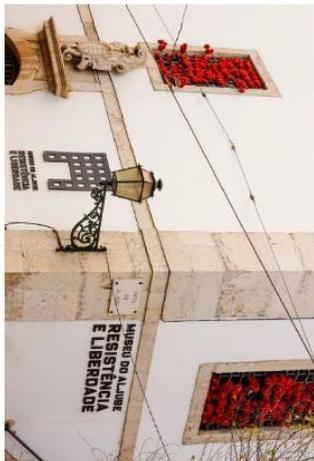
7. O que menos gostaste na visita de estudo virtual?

8. Avalia o teu desempenho durante a visita de estudo virtual.

- Insuficiente Suficiente Bom Muito bom

Obrigado pelas respostas!

Prof. Ana Rita Oliveira



Anexo 14 - *Socrative* “Revisões para a ficha de avaliação”

1. Indica o nome das duas principais zonas de desenvolvimento industrial em Portugal.

2 POINTS

Norte e Centro

As duas principais zonas são a zona Norte e a zona Centro

Zona Norte e Zona Centro



2. A concentração de indústrias nas zonas Norte e Centro deve-se à existência de melhores transportes.

2 POINTS

True

- i Pois os transportes permitiam receber as matérias-primas e distribuir os produtos acabados para os mercados, com maior facilidade.

3. Qual o nome da Conferência realizada com o objetivo de definir quem ficaria com África?

2 POINTS

- A Lisboa
- B Berlim**
- C África
- D França



4. Qual foi o país que apresentou um Mapa Cor-de-Rosa?

2 POINTS

- A Alemanha
- B Portugal**
- C Inglaterra
- D França



- i Após as decisões da Conferência de Berlim, Portugal viu os seus interesses ameaçados e apresentou, em 1886, o Mapa Cor-de-Rosa.

5. D. Carlos não cedeu à exigência do Ultimato Inglês.

2 POINTS

False

- i D. Carlos cedeu à exigência do Ultimato Inglês, o que provocou descontentamento nos portugueses.



6. No dia 1 de fevereiro de 1908, o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Manuel foram assassinados.

2 POINTS

False

- i Não, porque quem foi assassinado foi o príncipe herdeiro D. Luís.



7. O que se proclamou na manhã de 5 de outubro de 1910?

2 POINTS

A República 1ª República A primeira república República



8. Quais são os símbolos da 1ª República Portuguesa?

2 POINTS

O hino, a bandeira e a moeda Hino, bandeira e moeda
O hino nacional, a bandeira nacional e a moeda
Os símbolos são o hino, a bandeira e a moeda. hino, bandeira e moeda
Os símbolos da 1ª República são o hino, a bandeira e a moeda
Os símbolos da primeira república são o hino, a bandeira e a moeda



9. Na primeira república, o Parlamento não era o órgão político mais importante.

2 POINTS

False

i A Constituição de 1911 determinava que o Parlamento era o órgão político mais importante, formado por deputados que detinham o poder legislativo e o direito de eleger e demitir o Presidente da República.



10. Portugal, durante o período da 1ª República, viveu uma grande instabilidade governativa.

2 POINTS

True



11. Qual a data do golpe militar que deu início a uma ditadura militar?

2 POINTS

- A 27 de maio de 1926
- B 26 de maio de 1927
- C 28 de maio de 1926
- D 28 de maio de 1927

i No dia 28 de maio de 1926, foi organizado um golpe militar, comandado pelo General Gomes da Costa.



12. Até que ano durou a ditadura militar?

2 POINTS

1933



